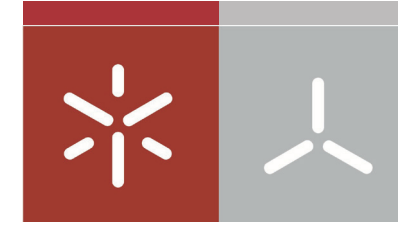




Uma reinterpretação da memória do lugar:
Ensaio sobre **Vila Industrial**, em Campinas-SP

Luiza Borges Aredes

UMinho | 2023

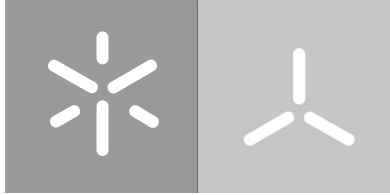


Universidade do Minho
Escola de Arte Arquitetura e Design

Luiza Borges Aredes

Uma reinterpretação da memória do lugar:
Ensaio sobre **Vila Industrial**, em Campinas-SP

janeiro de 2023



Universidade do Minho
Escola de Arte Arquitetura e Design

Luiza Borges Aredes

Uma reinterpretação da memória do lugar:
Ensaio sobre **Vila Industrial**, em Campinas-Sp

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitetura

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Luísa Rodrigues

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, minha irmã e família que me permitiram conhecer o mundo e me apoiaram ao longo destes anos fora de casa, que me deram liberdade para estar aqui hoje.

Aos meus amigos de infância, que, mesmo no Brasil, me ajudam todos os dias e me motivam a seguir meu caminho.

Aos amigos que fiz ao longo deste percurso académico. Cada um deles, de maneira especial, me ajudou a tornar Portugal meu novo lar. São eles que fazem parte do meu desenvolvimento académico e são eles que tornaram os dias na escola muito mais fáceis.

Agradeço a Professora Ana Luísa, que desde meu segundo ano na escola de Arquitetura me auxiliou no entendimento sobre Arquitetura.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho

RESUMO

O património, dentro do contexto arquitetónico, está forçosamente relacionado com: passado, presente, memória, lugar, corpo, tempo e espaço. O seu valor e o modo como é acautelado está condicionado a determinadas políticas governamentais. No entanto, a noção de “habitar um património” torna-se complexa quando o edificado em causa já não possui a mesma significância de outrora, quando já está esquecido. Assim sendo, de que forma se pode atribuir um novo significado a estes espaços “esquecidos” de acordo com sua utilização? Como é que a “cultura do lugar” pode influenciar na preservação do património? Como é que o devemos habitar?

Esta dissertação tem como propósito debruçar-se sobre esses “lugares do passado” para perceber como são reinterpretados nos dias de hoje, de acordo com o seu modo de habitar, não só em termos habitacionais, mas também urbanísticos. Para tal, escolhemos um caso de estudo que se concretiza num bairro operário, na cidade de Campinas, no estado de São Paulo (Brasil). **Vila Industrial**, nome dado ao bairro, é considerado património histórico e arquitetónico da cidade, porém, a sua importância foi desvalorizada ao longo dos anos até chegar ao “esquecimento”.

Assim, nesta investigação, propõe-se procurar soluções arquitetónicas que reinterpretem o património de forma a poder valorizar estes espaços da **Vila Industrial**, dentro das necessidades procurando entender possíveis formas de adaptar este património (re)valorizando seu significado arquitetónico, mas também o carácter daquele lugar.

ABSTRACT

Patrimony, within the architectural context, is necessarily related to: past, present, memory, place, body, time and space. Its value and the way it is taken care of is conditioned to certain governmental policies. However, the notion of “inhabiting a heritage” becomes complex when the building in question no longer has the same significance as in the past when it is already forgotten. So how can new meaning be given to these “forgotten” spaces according to their use? How can the “culture of place” influence the preservation of patrimony? How should we inhabit it?

The main purpose of this dissertation is to look into these “places of the past” to understand how they are reinterpreted nowadays, according to their way of inhabiting, not only in terms of housing, but also in terms of urban planning. For this, we chose a case study that takes place in a working-class neighborhood, in the city of Campinas, in the state of São Paulo (Brazil). **Vila Industrial**, the name given to the neighborhood, is considered historical and architectural patrimony of the city, however, its importance was devalued over the years until it reached “oblivion”.

Thus, in this research, it is proposed to search for architectural solutions that reinterpret the patrimony in order to value these spaces of Vila Industrial, within the needs seeking to understand and possible ways to adapt this heritage (re)valuing its architectural significance, but also the character of that place.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	015
PENSANDO SOBRE ESPAÇOS ESQUECIDOS: ENTRE APAGA- MENTOS E RECONSTRUÇÕES	
1.1 ENTENDENDO A MEMÓRIA DO LUGAR	019
1.2 LEMBRANDO LINA BO BARDI: DA MEMÓRIA À CONSTRUÇÃO DO PRESENTE	030
CONSIDERANDO O CASO DE ESTUDO: VILA INDUSTRIAL, DA CIDADE À CÉLULA	
2.1 CONHECENDO A CIDADE: CAMPINAS E O QUADRO DA HABITAÇÃO DO BRASIL	048
2.2 ANDANDO PELO BAIRRO: VILA INDUSTRIAL E O PATRIMÓNIO	057
2.3 OBSERVANDO A CÉLULA: HABITAR A CASA OPERÁRIA, UMA MEMÓRIA DO PASSADO	089
ENSAIANDO SOLUÇÕES	
AÇÃO A	118
AÇÃO B	123
AÇÃO C	127
AÇÃO D	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
BIBLIOGRAFIA	144
ÍNDICE DE IMAGENS	152

INTRODUÇÃO

O conceito de património na arquitetura abrange uma série de pensamentos ligados ao tempo e do espaço. Interpretar construções do passado, nos dias de hoje, carrega uma certa complexidade na compreensão das relações entre a pessoa e o lugar.

“Cidades e edifícios classificados como património gozam de especial relevância pela sua excelência e singularidade. Património significa testemunho, memória física do passado, retrato das necessidades, vontades e possibilidades de uma sociedade na linha do tempo.”¹

Essa memória física do passado, no entanto, pode ser reinterpretada de diversas formas diante sua função e perante o usuário. As experiências vividas no espaço alteram suas significâncias com o tempo, mas fazem permanecer a memória do lugar. Adaptar e (re)significar espaços do passado para os dias de hoje leva-nos às obras de Lina Bo Bardi². A memória e a cultura do lugar são trabalhadas por ela de maneira a preservar o passado nas ações e vivências do presente, de forma exemplar.

Nasce então o interesse em analisar o património arquitetónico na cidade de Campinas, em São Paulo, mais precisamente no Bairro Operário **Vila Industrial** para entender não apenas a sua formação, mas também os modos de habitar e viver nas casas e nas ruas, com auxílio de princípios empregados por Lina Bo Bardi. Estudar os equipamentos, os esquemas de alçados, as relações com a rua e as casas, são pontos pertinentes para a nossa investigação, para além de trazer soluções aos espaços “esquecidos” nesta zona da cidade.

1 Texto “Significado de Património em Arquitetura” retirado do site 10dedosvalente.com | dedos@10dedosvalentes | TR | 2020. 10dedosvalentes é a marca de uma oficina de trabalho. Criam produtos nas áreas da arquitetura, da imagem e da educação.

2 Arquiteta modernista (1914-1992) nascida na Itália, porém naturalizada no Brasil. Formada pela Faculdade de Roma, Lina foi uma arquiteta que buscou compreender a cultura brasileira a partir de uma perspectiva antropológica, atenta a técnica, estética e tradição popular.

Estudar este Bairro Operário já foi tema retratado por diferentes autores. Larissa Velasco em seu livro *“Além do túnel, uma Vila – História e Personagens do primeiro bairro operário de Campinas”* elabora uma série de entrevistas e investigações de artigos jornalísticos com o objetivo de retomar a memória dos moradores que ali viviam durante o século XX. O texto nos auxilia no entendimento histórico da formação do bairro e a composição geográfica de seus equipamentos, como os curtumes, hospital e o matadouro.

A tese escrita por Marco Henrique Zambello, *“Ferrovia e memória: estudo sobre o trabalho e a categoria dos antigos ferroviários da Vila Industrial de Campinas”*, mesmo direcionada para as ciências humanas e filosofia, nos indica como a classe operária foi formada durante a construção de Estação Ferroviária que deu início ao nascimento do bairro industrial. Nessa investigação podemos perceber como o modo de vida destes trabalhadores eram influenciados por seu cotidiano dentro do setor industrial.

Em um contexto urbanístico, o artigo *“Os dois lados da linha do trem: história urbana e intervenções contemporâneas em Campinas”*, por Silvana Rubino, nos mostra na escala da cidade, os planos urbanísticos realizados na cidade de Campinas entre os séculos XIX e XX e como se relacionam com a preservação do patrimônio. No texto a autora se refere a **Vila Industrial** como um processo de urbanização que acabou por dividir o bairro do centro da cidade por conta da ferrovia. Mesmo não analisando as transformações espaciais nos dias de hoje, a autora nos auxilia a compreender as transformações e permanências no bairro operário. O texto *“Análise de imagem urbana do bairro Vila Industrial, Campinas; relacionando a história urbanística com a percepção atual”* de Luna Viana A. de Oliveira já nos traz essa perspectiva urbanística da **Vila Industrial** nos dias de hoje.

A dissertação de Mestrado de Rafael Roxo Santos, *“Vila Industrial e o patrimônio histórico arquitetônico de Campinas – SP: entre a conservação e a reestruturação urbana”* nos fornece importantes considerações para estudar o desenvolvimento do bairro, e também nos ajuda a compreender a proposta de preservação do patrimônio cultural da **Vila Industrial**, em termos urbanísticos.

Todos estes centram-se principalmente nas questões urbanísticas e sociais do bairro operário e são a base para o entendimento de um olhar arquitetónico sobre o território e as casas, no qual esta investigação está voltada.

Assim, a dissertação organiza-se em três capítulos: os dois primeiros ligados à teoria e o terceiro relacionado com o ensaio de soluções de acordo com o estudo e interpretação dos capítulos anteriores.

O primeiro capítulo intitulado **PENSANDO SOBRE ESPAÇOS ESQUECIDOS: ENTRE APAGAMENTOS E RECONSTRUÇÕES** está subdividido em dois. O primeiro subcapítulo foca-se no entendimento de património, o qual denominamos “memória do lugar”, e como ele é aplicado em contextos dentro da arquitetura elaborando uma breve introdução sobre bairros operários. O segundo subcapítulo liga-se a Lina Bo Bard, à interpretação do património, isto é, analisando como a arquiteta é interpretada no olhar para o passado pensando no uso do presente, tendo como referências algumas de suas obras, que serão também analisadas a fim de criar bases para o terceiro capítulo (**ENSAIANDO SOLUÇÕES**).

O capítulo dois **CASO DE ESTUDO: NA VILA INDUSTRIAL EM CAMPINAS. DA CIDADE À CÉLULA**, pontualiza o caso de estudo: o bairro operário, **Vila Industrial**. A primeira parte é voltada para a história da formação da cidade de Campinas, onde está situado o bairro para compreendermos o contexto de seu surgimento. O subcapítulo seguinte volta-se para a **Vila Industrial**. Há um estudo prévio sobre seu desenvolvimento seguido de um olhar sobre o território, com auxílio de mapas e fotografias para perceber a escala, os usos, as tipologias, os equipamentos e seus valores. É importante neste subcapítulo perceber como a população local se relaciona com o espaço e como isso se relaciona com as ideias da arquiteta Lina Bo Bardi. Esta terceira parte do capítulo está centrado nas formas de adaptação das casas operárias, na forma de habitar da casa de acordo com suas necessidades, a fim de reafirmar a ideia de resinificar o lugar de memória. Foram então visitadas cinco casas, e com ajuda de imagens, plantas e axonometria, estudamos estes modos de (re) interpretação da casa operária.

O último capítulo, **ENSAIANDO SOLUÇÕES**, procura o que o próprio título diz: ensaiar soluções para valorizar e resinificar o bairro a fim de favorecer a vivência coletiva, tal como fez Lina, e mostrar como o património pode relacionar o passado e presente diante das vontades dos usuários de hoje. O subcapítulo

torna-se a conclusão para a investigação como um método de resolução para as situações descritas no texto.

Levantamentos fotográficos, fotomontagens autorais e esquissos acompanham a pesquisa e ajudam a compreender e perceber os espaços além de justificar os tópicos abordados ao longo da dissertação.

Esta dissertação procura explorar a relação entre os modos de habitar e viver o património, evidenciando como as formas de adaptação dos espaços são importantes para a valorização do lugar de memória. A análise dos espaços e a compressão das necessidades dos usuários em termos públicos e privado guia-nos ao entendimento da resinificação do lugar, mas sem deixar de lado a sua essência. Pretendemos identificar soluções, ensaios, que ao mesmo tempo valorizem o património e revelam-se úteis aos seus usuários. Assim, pensaremos este património em função da sua utilização e do seu carácter arquitetónico.

1.1 ENTENDENDO A MEMÓRIA DO LUGAR

pa·tri·mó·ni·o ³

(latim patrimonium, -ii)

nome masculino

1. Conjunto de bens de família; herança familiar.

2. Conjunto de bens próprios, adquiridos ou herdados.

junto de bens, materiais, naturais ou imateriais, reconhecidos pela sua importância cultural (ex.: património edificado).

4. [Religião] Conjunto de bens necessários para tomar ordens eclesiásticas. = PECÚLIO

³ “patrimônio”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021

O entendimento do património dentro da arquitetura identifica-se no ponto três do dicionário: o conjunto de bens materiais ou imateriais reconhecidos pela sua importância cultural. De acordo com a Direção-Geral do Património Cultural da República Portuguesa⁴, o Património Arquitetónico:

“...construído e paisagístico, englobando os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares através do tempo, é um recurso de importância vital para a identidade coletiva e um fator de diferenciação e de valorização territorial que importa preservar e legar para as gerações futuras.

A sua conservação, valorização e divulgação tem um potencial de projeção local, regional, nacional e, em casos específicos, mundial, com capacidade de atratividade de diferentes públicos pelos diversos aspetos associados à sua fruição, atendendo à diversificação dos valores associados; de ordem histórica, urbanística, arquitetónica, etnográfica, social, industrial, técnica, científica e artística.

As intervenções no património cultural, construído e paisagístico, devem por isso observar e cuidar das diversas valências e expressões que o caracterizam e que lhe conferem um carácter único e insubstituível, numa operação técnica pluridisciplinar integrada e exigente, determinante para a futura fruição pública dos monumentos singulares, conjuntos ou sítios e dos respetivos contextos que com eles possuem uma relação interpretativa e informativa.”⁵

4 A Direção-Geral do Património Cultural é um serviço central da administração direta do Estado em Portugal, que “tem por missão assegurar a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que integrem o património cultural imóvel, móvel e imaterial do País, bem como desenvolver e executar a política museológica nacional.”

5 “Património arquitetónico, preocupações e potencialidades” – retirado do site patrimoniocultural.gov.pt

A Carta de Veneza⁶ sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios também apresenta noções sobre a relevância do passado sobre certa cultura:

“Artigo 1.º A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural.

Artigo 5.º A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua afetação a uma função útil à sociedade. Tal afetação é desejável, mas não pode, nem deve, alterar a disposição e a decoração dos edifícios. É dentro destes limites que se devem conceber, e que se podem autorizar, as adaptações exigidas pela evolução dos usos e dos costumes.”⁷

Dentro deste trajeto, o trabalho foca-se na representação do património como a interpretação de um território e seus objetos, dentro de um espaço de fragmentos e esquecimentos – a cidade.

6 A Carta de Veneza ou Carta Internacional para a Conservação e Restauro de Monumentos é documento que visa a conservação do património. O documento foi desenvolvido pelo II Congresso Internacional de Arquitetos e de Técnicos de Monumentos Históricos, que aconteceu em Veneza, na Itália, de 25 a 31 de maio de 1964. A carta foi a resposta às discussões de conservação que pretendia estabelecer bases para o restauro e conservação de edifícios, monumentos e lugares

7 Carta de Veneza, 1964.

Mediante a emergência dos centros urbano-industriais a cidade foi o lugar de transformações intensas que acabaram por alterar não só seu território, mas também o modo de viver das pessoas. Essa fase histórica não só resinificou a arquitetura, com a produção em série, como permitiu-nos, hoje, olhar para o passado de forma a interpretar os fragmentos deixados nas construções das casas operárias desta época, permitiu-nos olhar sobre o património. Neste estudo analisaremos como o património pode ser considerado o lugar onde se permanece a memória quase esquecida, onde se criam camadas de apagamentos e reconstruções e onde encontramos formas de o reinterpretar.

“É preciso se libertar das amarras, não jogar fora simplesmente o passado e toda a sua história. O que é preciso é considerar o passado como presente histórico, ainda vivo. Frente a le, nossa tarefa é forjar um outro presente, verdadeiro.”⁸

Dentro do recorte património e memória, a arquitetura tem sua significância histórica e cultural, que, assim como foi dito por Lina Bo Bardi, constrói o presente pela edificação do passado, e dá-nos ferramentas para a interpretação do agora. Analisar as moradias operárias construídas na época industrial e como elas são adaptadas de acordo com os modos de viver nos dias de hoje, traz uma importância para a influência da arquitetura na forma de habitar e como esta pode ser transformada ao longo dos anos de acordo com a utilização de cada habitante - uma arquitetura que cria a história, que cria o lugar de memória.

O artigo escrito pela professora Simone Scifoni⁹ intitulado “*Lugares de memória operária na metrópole paulistana*” nos direciona ao entendimento de lugar diante a interpretação de seu significado:

8 “Uma aula de arquitetura.” Projeto, n. 149, p. 60-62, jan./fev. 1992.

9 Professora de Geografia da Universidade de São Paulo

“O lugar se define e traz o sentido do cotidiano, das relações de trabalho, vizinhança e lazer, dos momentos de encontros e lutas pela sobrevivência, da possibilidade de apropriação social [...] O lugar guarda a dimensão do vivido e da vida cotidiana e, portanto, nele se formam os laços de uma identidade espacial, o sentido dado por se reconhecer naquele lugar.”¹⁰

Junto a isto, a geógrafa e escritora Ana Carlos, em seu livro “*Um lugar no/do mundo*”, acrescenta:

“O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.”¹¹

Assim, a memória do lugar pode estar associado à formação de uma identidade espacial coletiva, em que as relações se estabelecem não só entre as pessoas, mas com o construído, com uma arquitetura local que identifica o lugar e tece comportamentos que se adaptam com o tempo.

As casas operárias, feitas para os trabalhadores trouxeram tal identidade ao lugar e foram base para o desenvolvimento de um conjunto de relações humanas que, como disse a geógrafa Ana Carlos (1996), são imprescindíveis para a definição da dimensão do espaço. A vida cotidiana e o modo de habitar tais construções transformam o espaço com o tempo e, assim como afirma Lina (1992), forjam um novo presente, criando-se um presente histórico, um património.

10 (Scifoni, 2013, p.4)

11 (Carlos 1996, p.29)

Este património construído, voltado a comunidade, pode ser visto como resultado de um compartilhamento de experiências, de práticas socio espaciais junto a sensações e percepções individuais, isto é, de cada habitante. As lembranças permanecem coletivas pois se situam em “quadros sociais da memória” nos quais as lembranças individuais se articulam à memória dos grupos.

“Antigas vilas operárias construídas para abrigar os trabalhadores estrategicamente próximos aos seus locais de trabalho; conjuntos habitacionais produzidos na era Vargas, [...] produção de moradia popular; espaços de luta do trabalhador na cidade [...] antigas edificações fabris carregadas de um significado simbólico ligado ao cotidiano e às formas de exploração e opressão dos trabalhadores; bares ou campos de futebol em que a organização sindical também se fez; todos esses são exemplos do que pode ser interpretado como os lugares da memória operária no Brasil.”¹²

As habitações para os trabalhadores fabris, dentro da esfera brasileira, buscaram trazer certa identidade cultural diante as apropriações que se consolidaram ao longo dos anos nos bairros industriais. Obras como a Vila Operária da Gamboa, projetada por Lúcio Costa¹³ e Gregori Warchavchik¹⁴ em 1933, evocam a arquitetura ligada a comunidade, neste caso, uma habitação mínima voltada para os operários.

12 (Scifoni, 2013, p.6)

13 Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima Costa (1902 – 1998) foi um arquiteto modernista, urbanista e professor brasileiro. Seu projeto mais reconhecido é o Plano Piloto de Brasília, capital do Brasil, onde a planta da cidade possui a forma de um avião.

14 Gregori Ilych Warchavchik (de 1896 – 1972) foi um dos primeiros arquitetos modernistas do Brasil. Nascido na Ucrânia e naturalizado no Brasil, projetou as primeiras obras modernistas do país: Casa da Rua Santa Cruz e Casa na Rua de Itápolis, de 1928 e 1930 respetivamente.



Fig. 1 - Vila operária de Gamboa, 1933



Fig 2 - Vila Operária de Gamboa, atualmente

No entanto, nos dias de hoje, com a falta de fiscalização dos órgãos responsáveis pelo património, a Vila se encontra descaracterizada após sofrer inúmeras alterações realizadas pelos próprios habitantes para atender suas necessidades imediatas, mas que não foram suficientes para o bem-estar dos mesmos e já não atendem às exigências de segurança. O património, neste caso, assegurou a permanência do uso, porém, não gerou ferramentas para sua manutenção, sendo os moradores os únicos a arcarem com a conservação de um bem que faz parte da história da arquitetura moderna do Brasil.

Conservar o património está entre os principais princípios escrito por William Morris¹⁵ em The SPAB Manifest¹⁶. O texto apoia-se sobre a proteção “todos os tempos e a todos os estilos” dos edifícios e explica como a prática do restauro podem acabar descaracterizando os mesmos:

“Em consequência desta ausência e deste ganho foi crescendo na cabeça dos homens a estranha ideia do Restauro dos edifícios antigos; é uma ideia estranha e, ainda mais, fatal, que só pelo seu nome implica que é possível despir-se um edifício desta, daquela e daquela outra parte da sua história – ou seja da sua vida – e, depois, parar-se num qualquer ponto arbitrário, e conseguir-se deixar esse edifício ainda histórico, vivo e, mesmo, igual ao que já tinha sido anteriormente.”¹⁷

15 William Morris (1834 - 1896) foi um designer têxtil britânico , poeta, artista, romancista, conservacionista arquitetônico, tradutor e ativista socialista associado ao Arts and Crafts Movement . Defendeu um princípio de produção artesanal que não combinava com o foco da era vitoriana no ‘progresso’ industrial.

16 A Society for the Protection of Ancient Building (SPAB) é uma organização britânica de preservação de monumentos

e seu manifesto sob o lema “Conservação em vez de restauração” ainda influencia a arquitetura nos dias de hoje.
17 (The SBAP Manifest, 1877)



Fig. 3 - Manifesto SPAB, 1877

No manifesto a ideia da permanência do uso dos edifícios é diretamente associado com suas intervenções e formas de preservação. Para isso eles sugerem:

“(...) proteger os nossos edifícios antigos e torná-los instrutivos e veneráveis para quem vier depois de nós.”¹⁸

Estudar este manifesto põe em causa conservar o património, pode estar associado à preservação e sobrevivência, não só da arquitetura, mas também da cultura. A cultura, como veremos a seguir, está ligada à permanência e resistência popular. Ela faz parte de um projeto político na qual compreende a caracterização do lugar e cria uma ligação com seu povo e espaço. A cultura mantém viva a memória do lugar e perpetua o paradigma do popular, além de preservar o passado nas ações do presente.

As moradias operárias, desta forma, fazem parte da cultura popular do Brasil, visto que elas direcionaram modos de viver e habitar diante uma nova perspectiva da emergência de uma cidade industrial. Consideradas património histórico, a arquitetura das casas ajuda-nos a compreender os apagamentos e reconstruções realizados com o tempo e como estes constroem uma memória do lugar e nos remetem ao passado, sem deixar de lado o tempo presente.

18 (The SBAP Manifest, 1877)

LEBRANDO LINA BO BARDI:
DA MEMÓRIA À CONSTRUÇÃO DO PRESENTE



Fig. 4 - Sesc Pompéia. Implantação

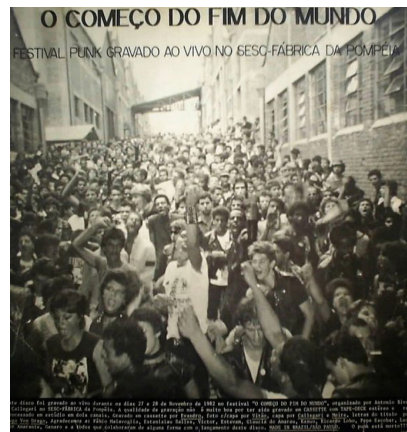


Fig. 5 - Sesc Pompéia. Utilização



Fig. 6 - Sesc Pompéia. Utilização



Fig. 7 - Sesc Pompéia. Utilização

A arquiteta Lina Bo Bardi, de origem italiana, oferece-nos, neste trabalho, instrumentos de reflexão para o entendimento do património e memória na arquitetura no contexto das casas operárias. Nascida em Roma (Itália), Achillina Bo, foi arquiteta, designer, cenógrafa, editora e ilustradora. No Brasil, inserida diretamente na arquitetura moderna, a arquiteta encontrou incentivo e inspiração em um país com cultura distinta a do pensamento europeu.

“O olhar estrangeiro concede-lhe a capacidade de enxergar a peculiaridade e a vitalidade da cultura popular sem confundi-la com folclore, com as sacramentadas interpretações oficiais. Nada em comum com a visão estereotipada do forasteiro frente as diferenças culturais, sua percepção aguda possibilita o reconhecimento de valores como autenticidade e singeleza muito distante da ideia banalizada sobre a produção artesanal brasileira [...]”¹⁹

Lina, em muitas de suas obras, é a ponte entre o património e identidade cultural, pois valoriza a produção artística popular e traduz isso em seus projetos de forma a dar importância à conservação da “alma popular” como veremos a seguir. Ela reconhece os valores culturais do país e coloca a cultura como ferramenta a seu favor, que age sobre o presente em construções do passado. A conservação não só dos edifícios, mas da cultura comunicam-se em suas feitorias e mediam os modos de viver da população

Com a conciliação de técnicas tradicionais com técnicas modernas, a arquiteta explora o passado ao mesmo tempo que constrói o futuro mediante a análise do património e transformações culturais. Ela comunica e traça interpretações do popular através dos menores e humildes meios. Projetos como o Sesc Pompéia e o Museu de Unhão justificam as circunstâncias descritas e abordam formas de ver o presente em uma memória do passado.

19 “Lina Bo Bardi: Um olhar voltado para o património” p. 91

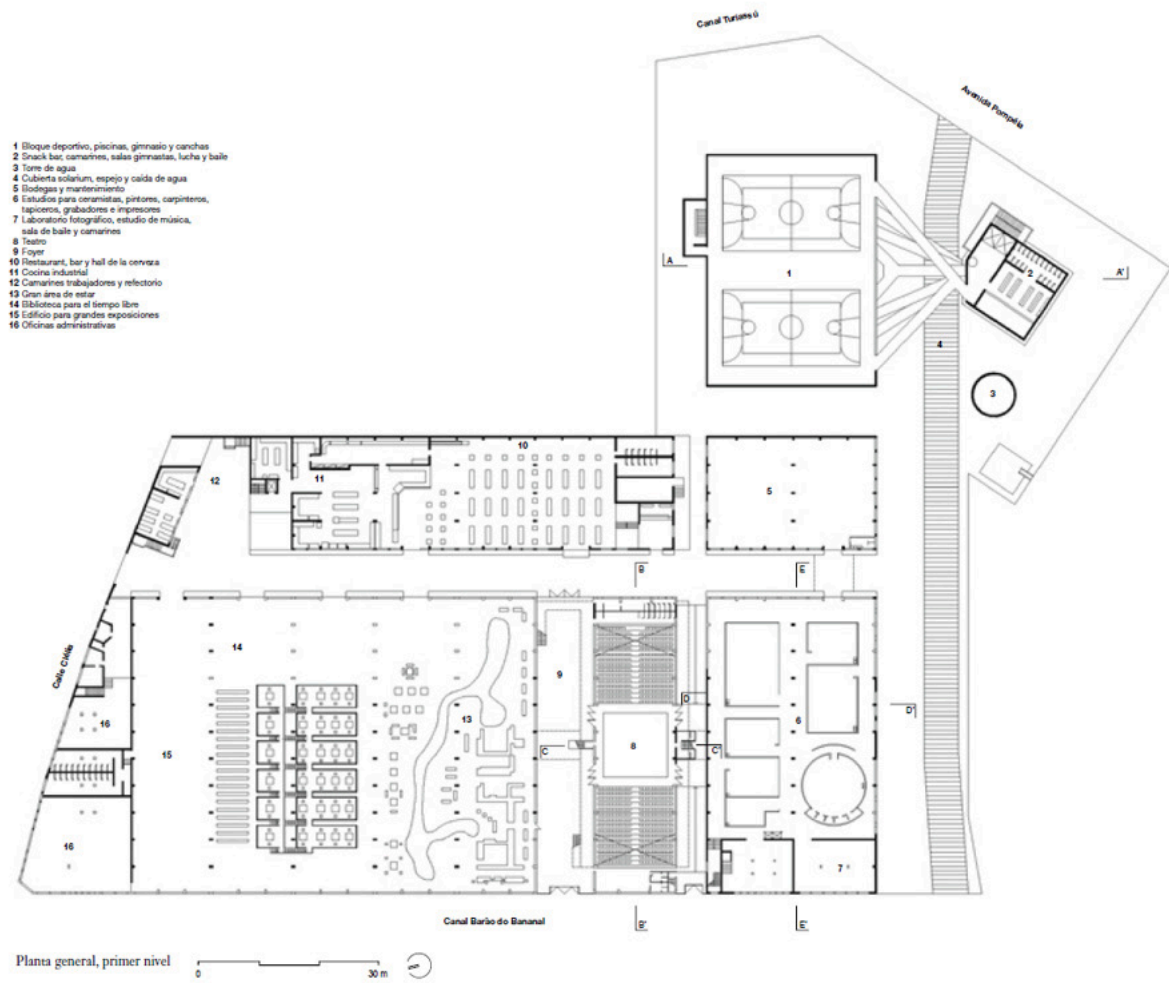


Fig. 8 - Sesc Pompéia. Planta rés-de-chão.

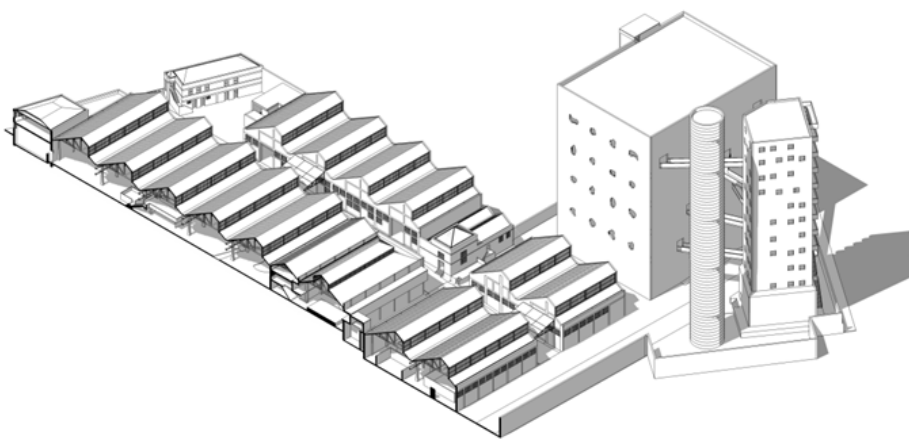


Fig. 9 - Sesc Pompéia. Axonometria.

SESC-POMPÉIA (São Paulo, 1977-1986)

A intervenção iniciada nos anos 70 em um complexo fabril na zona de Pompéia na cidade de São Paulo, trouxe a Lina a vontade em preservar as qualidades formais do edifício ao mesmo tempo em que procura criar uma visão dentro dos galpões da antiga fábrica.

“Entrando pela primeira vez na então abandonada Fábrica de Tambores da Pompéia em 76, o que me despertou curiosidade (...) foram aqueles galpões distribuídos conforme os projetos ingleses do começo da industrialização europeia. (...) Todavia, o que me encantou foi a elegante e percursora estrutura de concreto. (...) Pensei que o dever fosse conservar a obra. Foi assim o primeiro encontro com aquela arquitetura que me causou tantas histórias, sendo consequência natural ter sido um trabalho apaixonante. (...) Na segunda vez que estive lá, um sábado, o ambiente era outro, não mais a elegante e solitária estrutura Hennebiqueana, mas um público alegre de crianças, mães, pais, anciãos passavam de um pavilhão para o outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía do telhado rachado, rindo com os chutes da bola na água. (...) Pensei: tudo isto deve continuar assim, com toda essa alegria.”²⁰

Ao se preservar muitas das características iniciais do projeto, tal como sua forma e inserção no terreno, Lina também buscava dar continuidade ao uso popular do local. A ideia de aproximar a arquitetura do povo é a base para o desenvolvimento da reabilitação do complexo fabril, isto é, a arquiteta vê a importância popular na transformação do espaço.

20 (CIDAELA da Liberdade, 1999 p. 27)



Fig.10 - Sesc Pompéia. Lareira.



Fig. 11 - Sesc Pompéia. Teatro.



Fig. 12 - Sesc Pompéia. Área Externa.



Fig. 13 - Sesc Pompéia. Uso dos espaços.



Fig. 14 - Sesc Pompéia. Uso dos espaços.



Fig. 14 - Sesc Pompéia. Sistema de drenagem e tratamento da água



Fig. 15 - Sesc Pompéia. Uso dos espaços - pequeno rio no interior da área pública



Fig. 16 - Sesc Pompéia. Uso dos espaços.



Fig. 17 - Sesc Pompéia. Janela da quadra desportiva.



Fig. 18 - Sesc Pompéia. Uso dos espaços - quadra desportiva



Fig. 19 - Sesc Pompéia. Uso dos espaços - biblioteca

Desta forma, a introdução de novos equipamentos dentro do complexo, como as quadras desportivas, o teatro, a biblioteca, o pequeno rio e a lareira, trazem uma nova leitura da história do edifício, sem esquecer seus traços passados, mas com uma nova (des)ordem. Lina promove uma reinterpretação da fábrica com a preservação do espaço comunitário: as pessoas continuam ocupando, usando, disfrutando do lugar, um lugar de caráter público e democrático que já havia antes de sua intervenção.

O fragmento do texto referido anteriormente *Cidadela*²¹ *da Liberdade* mostra como a arquiteta reconhece o valor do ambiente quando as *Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caia do telhado rachado*, onde o lugar irradia uma grande carga histórica, desde o início da industrialização na cidade de São Paulo até estes dias em que a alegria se concentrava no ambiente fabril. A reabilitação do Sesc Pompéia resgata o passado e estabelece uma interpretação histórica que se configura a partir da experiência de cada pessoa. O artigo escrito por Ana Carolina de Souza Bierrenbach, “*Os Restauros de Lina Bo Bardi: Inspirações para a Preservação da Arquitetura do Movimento Moderno*”, traz uma perspectiva sobre o passado e memória na obra de Lina:

“Não se promove uma versão do passado, do presente ou do futuro que encerre uma imagem fixa, que deva ser permanentemente reeditada nas consciências de cada geração. Pelo contrário, estimula-se uma leitura da história pautada em uma imagem dinâmica, que seja reativada permanentemente em cada consciência [...] ...entre as alamedas, torres e galpões, encontra todas as portas de acesso à história disponíveis. Pode-se entrar por qualquer uma delas, basta que se siga a um impulso.

²¹ Cidadela” foi o termo usado por Lina para designar o conjunto, “liberdade” é o sentimento comum do rico e variado público que frequenta a nova/velha fábrica.

A partir dessa motivação primeira, são ativadas lembranças pessoais e memórias coletivas recalcadas. Torna-se possível entrar no turbilhão, alterar o passado, o presente e o futuro.

Cada pessoa pode aceitar o pacto, permitir que a história se faça ativa, que o passado e o futuro deixem de ser inofensivos.”²²

O SESC Pompéia é resultado de uma comunicação entre passado, presente, cultura e memória, como se lê no fragmento exposto. O edifício sintetiza a vontade de consolidar valores populares inseridos dentro de uma memória do lugar. Os valores imateriais da cultura brasileira são fortalecidos por este espaço e possibilitam sua manifestação através do comportamento e uso popular. Lina reconhece o povo como aquele que carrega os valores culturais e como o agente transformador do lugar quando o SESC se transforma no abrigo para a pluralidade da cultura brasileira. Os espaços de estar, a convivência se torna o partido projetual que constrói a gênese da obra arquitetônica.

22 (BIRRENBACH, Ana, p.4)



Fig. 20 - Solar do Unhão. Reconhecimento do espaço externo



Fig. 21 - Solar do Unhão. Uso dos espaços - área de atividades.

MUSEU DE ARTE MODERNA DA BAHIA - SOLAR DO UNHÃO (BAHIA, 1959)

A instalação do Museu de Arte Moderna em Salvador em um antigo complexo agroindustrial conhecido como Solar no Unhão foi outra obra reabilitada por Lina Bo Bardi. A atenção as peças industriais presentes no conjunto, junto dos pátios e igreja conduziram a uma nova (re)interpretação do lugar.

A vasta história do conjunto arquitetônico, fruto dos diferentes usos ao longo dos anos e suas conseqüentes transformações oferecem a arquiteta espaços para valorização da história e cultura do lugar. Durante seu período de existência, o Solar do Unhão testemunhou a rotina de seus visitantes, os saraus e as festas oferecidas além das diversas atividades executadas pelo e para o povo.

“O conjunto do Unhão é importante por representar um dos primeiros exemplos (...) de Arqueologia Industrial, isto é: uma restauração não somente limitada à recuperação até o século XVII, mas uma recuperação dedicada também à documentação do “trabalho” e de um território, neste caso uma “fábrica” do começo do século XIX.”²³

As bases para a (re)interpretação dos edifícios de Unhão estavam centradas na função inicial de cada um deles e nos seus usos pela população com o passar do tempo. Dessa forma, o tratamento de cada um é visto de forma singular por Lina Bo Bardi sem deixar de lado uma matriz para sua intervenção. Preservar a estrutura de cada objeto para a arquiteta é primordial pois valoriza a história e relembra o passado. Além disso, ela mantém a amplitude dos espaços e seus elementos de acabamento, em uma prática que ela mesmo chama de restauração crítica:

“O método crítico, segundo Lina, mantém todo o conteúdo poético do monumento e procura integrá-lo na vida moderna.”²¹

23 (PRÓ-MEMÓRIA para uma ação na Bahia, p.19)

24 (MUSEU salva a Cultura da Bahia e o passado pela fé, 1963: [S.P.])



Fig. 22 - Solar do Unhão. Estrutura.



Fig. 23 - Solar do Unhão. Escada em espiral desenhada por Lina Bo Bardi.

O guindaste, os trilhos, os galpões industriais, os monta-cargas, o solar e a igreja são todos mantidos pela arquiteta que enfatiza a documentação do trabalho acumulado no complexo agroindustrial. Suas alterações em termos de projeto não buscam apenas um tempo ou um estilo, pelo contrário, elas visam integrar momentos e cultura diante uma comunicação através dos menores e humildes meios onde há o reconhecimento dos valores do lugar.

Tais valores do lugar são vistos principalmente na famosa escada construída no Solar de Unhão. Com características contemporâneas, a escada se torna um elemento fundamental para a relação entre a construção do presente e o passado histórico, junto da história do lugar. Ao percorrer todo o complexo agroindustrial, as pessoas reconhecem o passado mas formulam releituras do seu presente.

Assim como Lina faz em Sesc Pompéia, os cidadãos também são incentivados a se apoderarem de Unhão. Eles têm de garantir o direito de se apropriarem de suas próprias histórias, pessoais e coletivas, criando a memória do lugar. A arquiteta se interessa pelas práticas imateriais da cultura popular, desde as expressões orais até as vinculadas ao comportamento e aos modos de vida coletivo, e ela passa a refletir este fascínio em suas obras de conservação do patrimônio. Assim, o arquiteto Roberto Bottura em “Redescobrimdo o Brasil: Lina Bo Bardi e a ponte conceitual entre patrimônio cultural popular, desenho industrial e identidade nacional “nos mostra que:

“O interesse de Lina pelo patrimônio perpassa as meras definições acadêmicas, representando uma verdadeira investigação sobre a importância do popular na transformação cultural de um país. Lina adota a noção de que todo o conhecimento do ser humano é seu patrimônio, sua cultura e é sempre constituído de um fermento que age sobre o presente, nunca tido como um mero lapso de tempo, e sim, operante.”²⁵

Julgamos que a arquiteta permite a mediação entre a arquitetura e o modo de viver do povo, conserva a alma popular e transforma estes lugares congelados em protagonistas do presente, ou seja, transfigura o abandono em presença. Seu método pode ser interpretado em inúmeras situações em que a história, o patrimônio o povo e a cultura se cruzam e pode trazer respostas a situações específicas, como o caso de estudo que apresentaremos em seguida.

25 (Bottura, Roberto, pg. 4)

(RE)LEMBRANDO LINA BO BARDI

1

TRANSFORMAÇÃO E
PERMANÊNCIA



FIG. 24



FIG. 28



FIG. 25



FIG. 29

(RE)SINIFICAR OS
ESPAÇOS

3

2

ADAPTAR E USAR

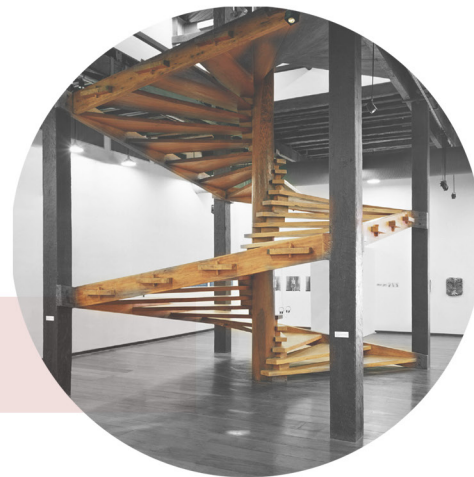


FIG. 26



FIG. 30



FIG. 27



FIG. 31

2.1 **CONHECENDO** A CIDADE:
CAMPINAS E O QUADRO DA HABITAÇÃO
DO BRASIL

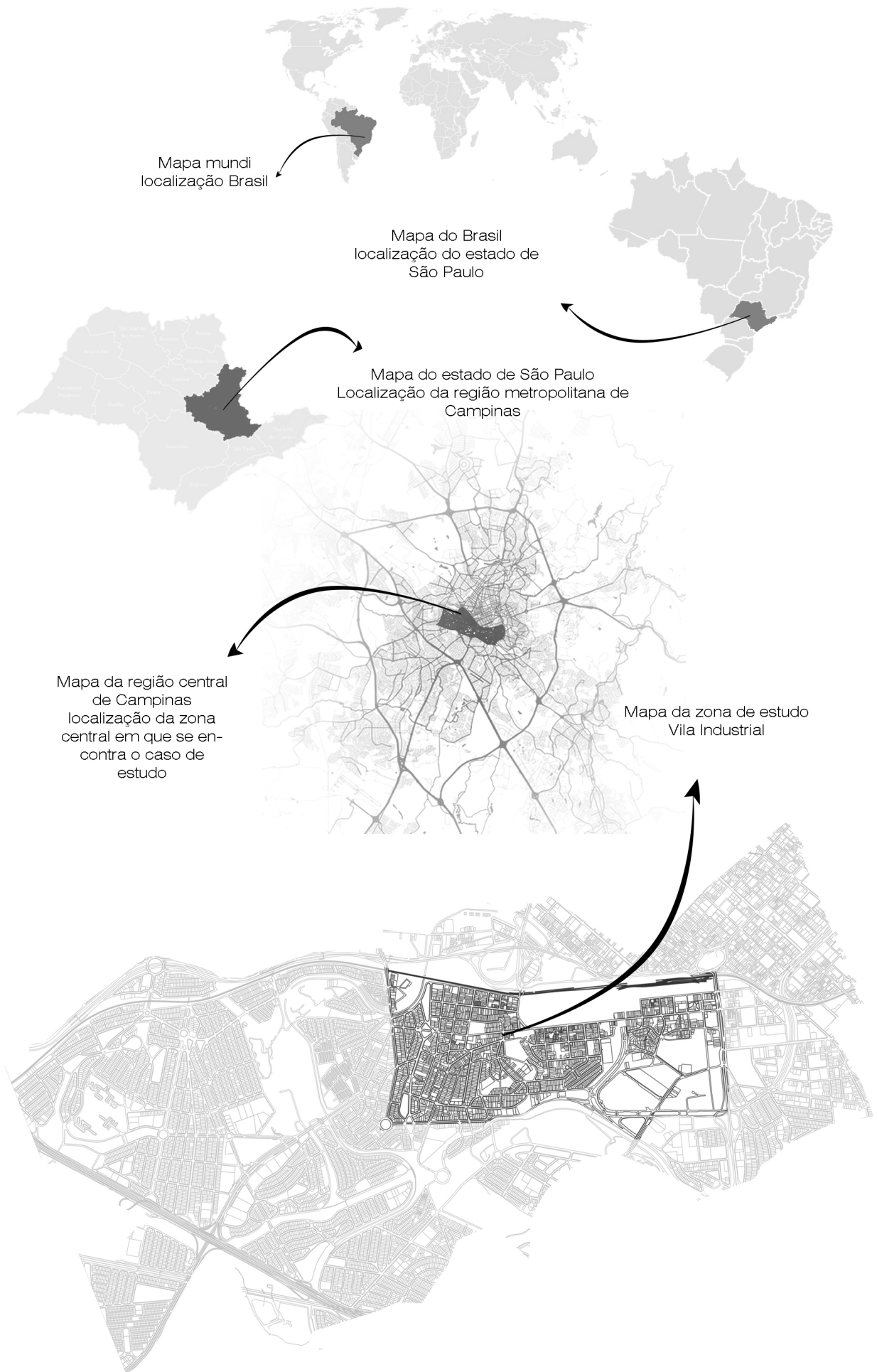


Fig. 32 - Mapa representativo Brasil, São Paulo, Região Metropolitana de Campinas, Vila Industrial

Os bairros industriais encontrados no Brasil, mais especificamente no território da cidade de Campinas, contam-nos o hoje desenvolvido em espaços do passado, com influências diretas sobre seus usuários, seus modos de viver e suas ações sob o lugar. Os bairros operários na cidade, construídos no século XIX para os trabalhadores de fábricas, são exemplos válidos para este tipo de associação, tornando-se, então, o objeto de estudo deste trabalho. Desta forma, um enquadramento sobre a história da cidade faz-se necessário para o entendimento da formação dos bairros operários e a construção e definição de seu patrimônio junto de um entendimento sobre o olhar de Lina Bo Bardi perante a construção da memória na arquitetura.

O início da história da cidade de Campinas, no estado de São Paulo, deu-se em 1722 como área de descanso para os viajantes, conhecidos como bandeirantes, que estavam à procura de ouro nas terras de Minas Gerais²⁶. Assim, instaurou-se um povoado nas terras campineiras e conseqüentemente os primeiros registos urbanísticos da cidade:

“Porquanto tendo encarregado a Francisco Barreto Leme formar uma povoação na paragem chamada de Campinas do Mato Groço, e Destricto de Jundiahí, em sítio onde se axa melhor comodidade e hé preciso dar norma certa para a formatura da referida povoação; ordeno que esta seja formada em quadras de secenta ou ointenta varas cada uma e dahy para cima, e que as ruas sejam de secenta palmos de largura, mandando formar as primeiras casas nos anglos das quadras, de modo que fiquem os quintaes para dentro, à entestar huns com os outros. São Paulo, 27 de Mayo de 1774 D. Luiz Antônio de Souza. Senhor Francisco Barreto Leme”²⁷

26 Estado localizado ao norte do estado de São Paulo, na região sudeste do país.

27 (Campos Jr.,1952, p. 30-1)

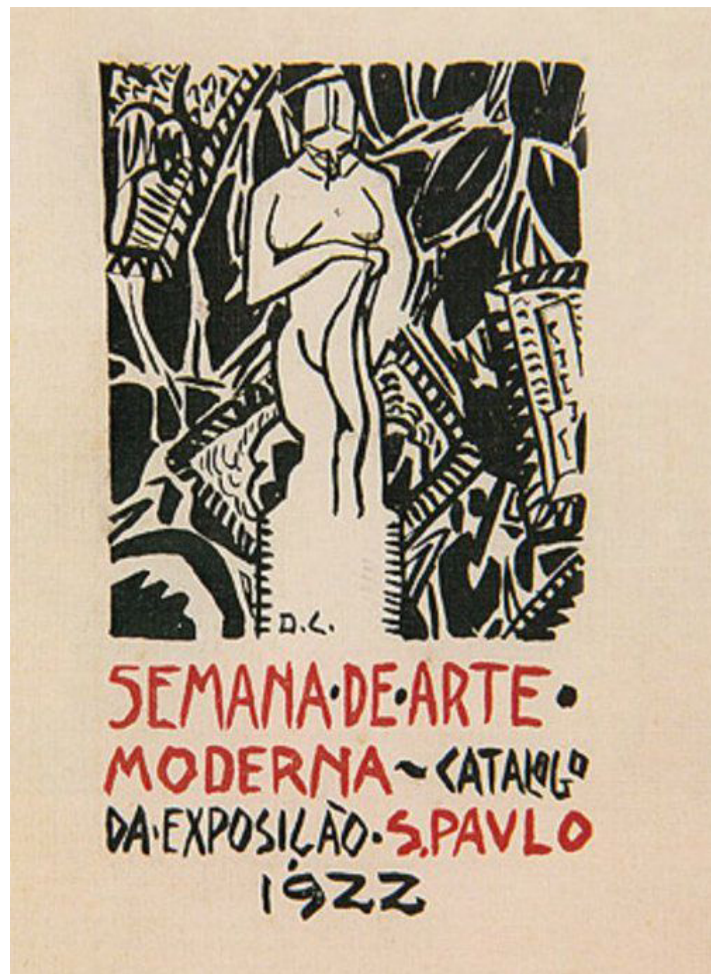


Fig. 33 - Catálogo da Semana de Arte Moderna em São Paulo, 1922.

O crescimento da produção de café, cana-de-açúcar e da população escrava na região, nos anos seguintes, conduziu à expansão da cidade, com fortes impactos na economia do Império em 1872. No entanto, entre os anos 1889-1897, a epidemia da febre amarela provocou inúmeras vítimas e consequentes migrações para regiões pouco populosas, e fez com que se estabelecesse normas de higiene para as novas construções, logo modificando o planejamento urbano realizado até então. Um dos reflexos desta ação foram as regras de zoneamento da cidade urbana, por iniciativa no Estado, juntamente com a realização de um código de construção, que determina dimensões a serem obedecidas durante a execução de uma obra (recuos, espessura mínima de paredes, abertura de portas e janelas, áreas de ventilação e iluminação e outros).

As medidas de infraestrutura urbana, bem como as normas e leis para organização e saneamento foram, assim, alavancadas com a introdução do processo de industrialização em Campinas. Com a decadência da atividade cafeeira, o cultivo de algodão, vinculado com o crescimento industrial, abriram portas para o progresso no setor têxtil, retomando a economia local e também a população perdida com o êxodo causado pela febre.

As condições habitacionais foram colocadas em causa a partir dos anos 30 do século XX, onde o estudo e melhoramento das leis urbanísticas visavam beneficiar as construções populares por meio da iniciativa privada, sem apoio do Estado, para remover casas insalubres que se encontravam no centro da cidade.

Foi durante esta época que a Semana de Arte Moderna²⁸, no Brasil, difundiu os princípios do Movimento Moderno que, dentro do contexto arquitetônico transmitiu-se as experiências das habitações europeias para além das percepções dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM)²⁹. De acordo com Graziela Rossatto Rubin e Sandra Ana Bolfe:

28 Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo reuniu artistas das mais diversas áreas no Theatro Municipal de São Paulo entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, com músicas, exposições de escultura, pintura e arquitetura, para mostrar ao povo brasileiro as novas vertentes da arte.

29 Os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (Congrès Internationaux d'Architecture Moderne) foi uma organização da arquitetura moderna que visavam discutir os rumos da arquitetura. Os CIAM acreditavam na arquitetura como um instrumento político e econômico, a fim de garantir um progresso social. A Carta de Atena é um dos frutos deixado pela organização.

“Essa difusão é de grande importância para entender a atuação do Estado na formulação de diretrizes para a habitação de baixa renda. De início, houve uma restrição na adoção da Arquitetura Moderna no campo habitacional brasileiro. Isso ocorreu devido aos altos custos para aquisição de alguns materiais e a escassez de mão-de-obra especializada. Porém, as edificações construídas com ideias modernistas possuíam grande atratividade formal e funcional, contribuindo para a adoção desse estilo e posteriormente, por vários órgãos públicos no país. As primeiras experiências modernas no campo da habitação são casas destinadas à classe média, construídas no início da década de 1920.”³⁰

Entre as tais “experiências modernas” citadas pelas autoras, o conjunto de operários da Gamboa, no Rio de Janeiro, projetado em 1932 por Lúcio Costa e Gregori Warchavchik foi um marco em termos de habitação para trabalhadores no Brasil, por estar dentro da resolução defendida pelos estatais da higiene pública, onde os trabalhadores deixassem de viver de forma insalubre.

A solução ideal para o problema da habitação popular exigido pela saúde pública foi a construção de vilas operárias por autoridades estatais ou industriais. A “solução” combina as reivindicações utópicas da burguesia industrial de “produzir uma classe trabalhadora ideal”, a luta sistemática dos higienistas sociais contra a habitação em massa e insalubre da população “pobre” urbana, a construção de habitação barata. Existiram, assim, dois tipos diferentes de vilas operárias: a primeira, como conjuntos habitacionais, sediados por empresas e destinados ao uso de seus empregados - as vilas dos trabalhadores corporativos - e as moradias voltadas para o mercado promovidas por investidores privados. Estas casas são por vezes confundidas com espaços urbanos existentes porque partilham as mesmas características físicas.

30 (O desenvolvimento da habitação social no Brasil, p. 4)

Nesse período, o Brasil passou por mudanças políticas, econômicas e étnicas, e as cidades representavam essas mudanças. Schmidt destaca as mudanças que estão ocorrendo nesses centros:

“Até o primeiro quartel do século, num período que corresponde a mais de 400 anos, a configuração urbana nacional – e, por extensão, o papel da cidade – retrata as formas de inserção e acomodação do Brasil no mercado internacional, refletindo nitidamente o caráter de exploração colonial da economia. A cidade tem a função de ocupar, dominar e extrair o máximo das regiões em que se insere. Não por acaso, as cidades, os verdadeiros enclaves, desenvolvem-se exatamente naquelas áreas onde as atividades econômicas estão relacionadas ao dinamismo da demanda exterior”.³¹

O autor acrescenta que o processo de urbanização no país mostra que não existe um sistema urbano estruturado a volta de somente uma única cidade, que combine funções sociais, econômicas, políticas, comerciais e administrativas e econômicas.

Neste período também foram abordadas as questões sobre o patrimônio e conseqüentemente as habitações que estariam dentro deste contexto. Neste sentido, o conceito de patrimônio arquitetônico histórico estará vinculado a uma definição mais ampla que trata do patrimônio cultural e social, definido em termos de meios e práticas de manutenção específicos em diferentes períodos históricos.

Assim, a criação da Lei de tombamento²⁹ de 1937 é o marco de uma identificação patrimonial no país, sendo uma norma associada às noções de monumento arquitetônico, desde a estética barroca rococó até as construções em pedra e cal, sem desvincular as técnicas construtivas para a formação de uma ordem nacional. A Lei de tombamento, determina:

31 (Schmidt 1986, p.7)

32 Nome dado ao processo de tornar um edifício em um patrimônio por conta de suas características históricas e arquitetônicas no lugar em que se encontra.

“Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse (sic) público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”³³

As definições normativas há muito estão associadas à prática mais focada do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional e Estadual (IPHAN). Desde 1967 e , respectivamente, a expansão da rede de órgãos estaduais e municipais de preservação e das redes de órgãos comissionados tem sido associada à expansão e revisão de conceitos e práticas anteriores de conservação do patrimônio cultural central Assim, a Constituição Federal do Brasil de 1988 define patrimônio cultural:

“Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (grifos nossos)“.³⁴

33 Artigo 1. Lei de Tombamento (1937)

34 Artigo 216 da Constituição Federal do Brasil de 1988

Assim, consideramos o patrimônio histórico arquitetônico do Brasil como o conjunto de formas materiais, tanto urbanas quanto rurais, que expressam os diferentes tempos da produção do espaço.

Em consequência, as áreas de interesse histórico das grandes cidades, podem ser vistas como áreas que conjuguem formas e valores arquitetônicos, funções e usos que relembrem outros períodos históricos. O que se denominam *Centros Históricos*, que, antigamente, eram à própria cidade, e hoje abrangem bairros operários e fabris, que se tornaram interessantes em questões de preservação e memória popular.

Em 1965 houve a criação de um órgão governamental para financiar e produzir habitações. A COHAB³⁵ passou a ser o instrumento para o movimento da expansão urbana. Em Campinas, isso acontece dentro de uma nova dimensão regional que começa a manifestar-se diante as transformações no setor industrial junto à expansão da malha rodoviária. Dentro dessas mudanças a cidade assume características de uma metrópole em ascensão no interior do estado de São Paulo.

Dentro desta contextualização histórico-espacial do quadro habitacional do Brasil e da cidade de Campinas, entramos no caso de estudo em questão: **Vila Industrial**. O bairro.

³⁵ Companhia de Habitação Popular de Campinas tem a função de realizar o programa de habitação da cidade de acordo com as diretrizes determinadas pela Administração Municipal, a fim de promover planejamento, a produção, o financiamento e a comercialização de moradias.

2.2 **ANDANDO PELO BAIRRO:**
VILA INDUSTRIAL E O PATRIMÓNIO

VILA INDUSTRIAL

O recorte espacial adotado para a pesquisa compreende o bairro da cidade de Campinas, **Vila Industrial**. Esse é resultado do processo de urbanização para operários, delimitado pelas Avenidas Lix da Cunha, Barão de Monte Alegre, Doutor Abelardo Pompeu do Amaral e João Jorge, para além da linha férrea, sendo que esta já possuiu grandes influências sob a região. A área justifica-se pela observação do habitar o patrimônio, isto é, habitar o que não pode ser transformado - habitar o passado. Destaca-se, neste sentido, o parque ferroviário como gênese do estudo territorial.

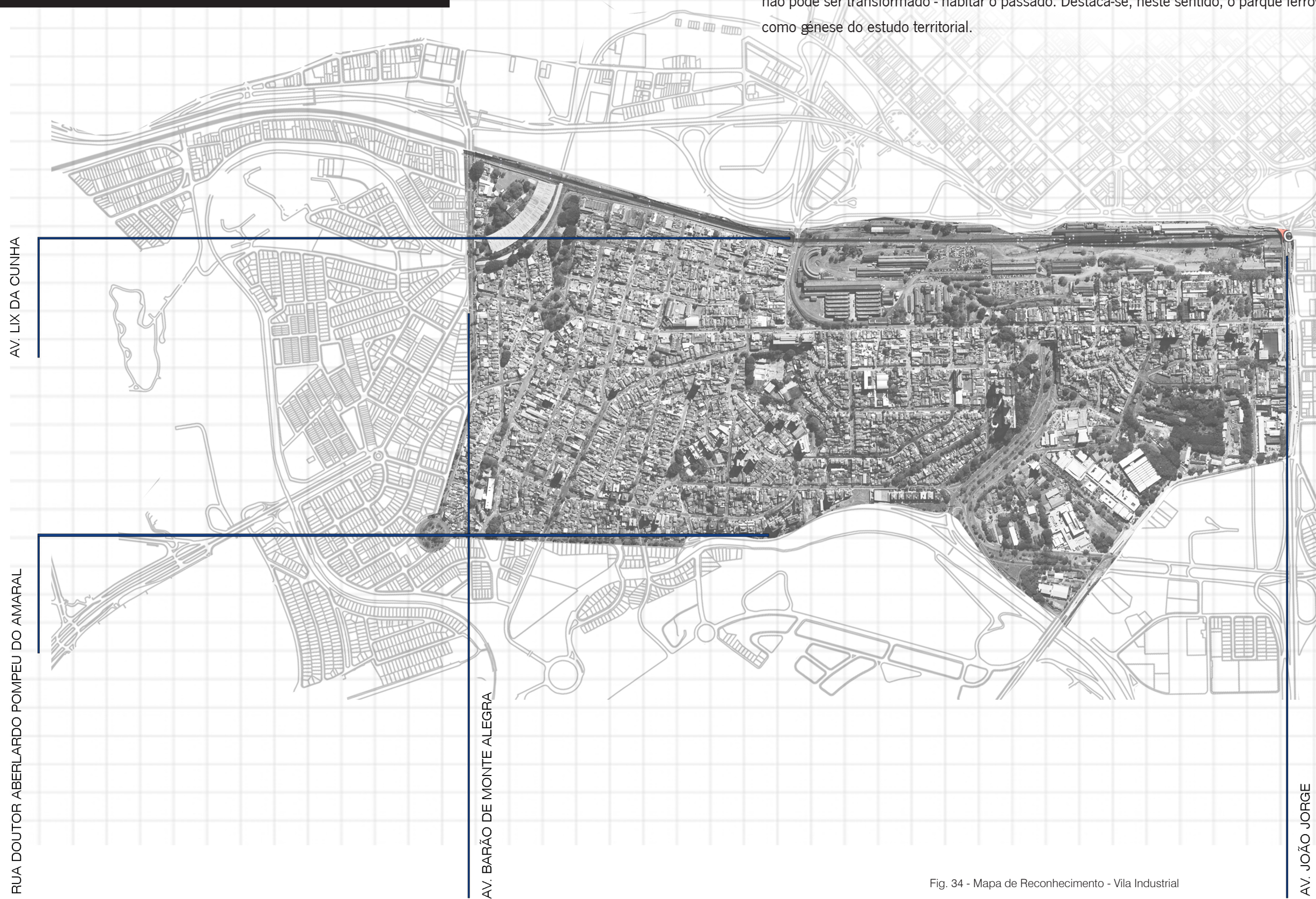
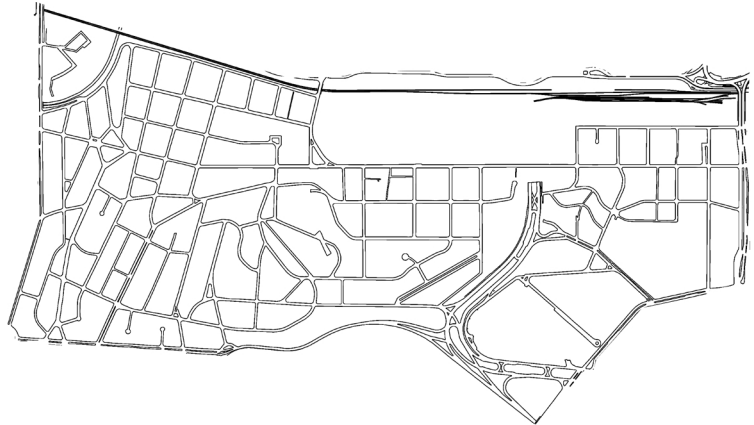


Fig. 34 - Mapa de Reconhecimento - Vila Industrial

MAPAS SÍNTESE

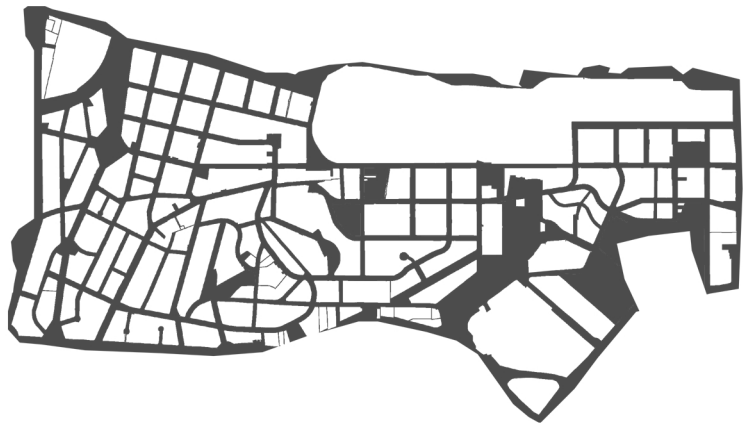
1

MAPA DA ESTRUTURA VIÁRIA



2

MAPA DO LOTEAMENTO



3

MAPA DAS EDIFICAÇÕES



Fig. 35 - Mapas de Reconhecimento - Vila Industrial



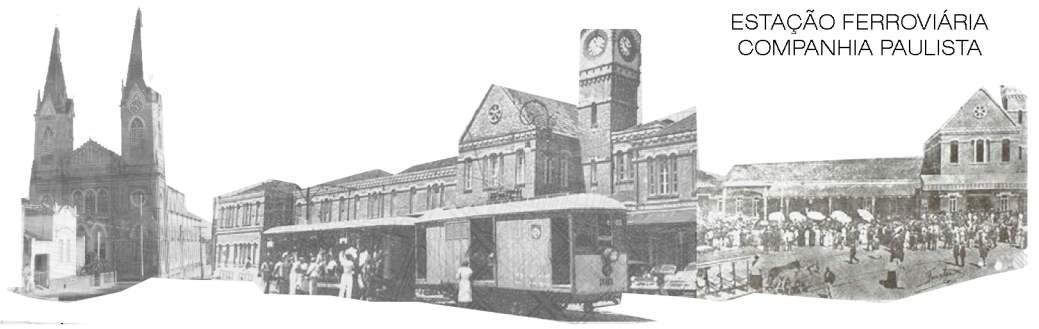




MAPA DAS EDIFICAÇÕES

3





ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
COMPANHIA PAULISTA

IGREJA SÃO JOSÉ



CURTUME CAMPINEIRO

CURTUME

ANTIGA LOCALIZAÇÃO
DO HOSPITAL DOS
MORFÉTICOS

Fig. 36 - Fotomontagem esquemática com os equipamentos do Bairro Vila Industrial

O bairro operário surgiu às costas da primeira estação ferroviária da cidade, nomeada Companhia Paulista (1872), no século XIX e permitiu o crescimento da primeira área destinada aos trabalhadores locais, a **Vila Industrial**. Assim, a organização espacial da área em seu primeiro ano de vida refere-se principalmente ao estabelecimento desse complexo ferroviário que define as relações sociais e valoriza a função e a sua espacialização. Outros equipamentos urbanos foram inseridos na região a partir do século XIX como auxílio ao desenvolvimento socioeconómico no bairro industrial. São eles o Matadouro Municipal (1881), a Companhia Curtidora Campineira de Calçados (1890), o Curtume Campineiro, o Lazareto dos Morféticos (1875) e o Curtume Cantusio (1911). Datam das duas primeiras décadas do século, ainda, a construção da Paróquia São José (1921) em que suas torres fazem uma importante reverencia visual para toda a área da região.

Estes equipamentos urbanos, na sua maioria, localizam-se nas principais vias que cortam o bairro, isto é, nas avenidas que delimitaram o território da zona industrial no seu surgimento, além de traçar os planos para o desenho urbano que vinha a ser desenvolvido na época de crescimento da região. As ruas secundárias, que hoje ainda se encontram compostas por paralelos de granito, são aquelas em que encontramos a maior parte das casas operárias. São nestes traços de passagem que ainda conseguimos identificar os registos de um passado que aos poucos vem sendo alterado em termos memória cultural e territorial. Estas ruas, que antes serviam de quintal para as casas operárias, um lugar de convívio social, hoje apenas simbolizam a passagem, o transitório, onde apenas alguns habitantes tentam preservar ações do passado.

A relação direta entre a estação ferroviária, os equipamentos urbanos e as moradias operárias estreitavam a comunicação e vivência entre a população local. A possibilidade de sair do trabalho para almoçar em casa com a família, de conviver socialmente com os vizinhos que também eram, na sua maioria, colegas de trabalho, facilitavam o modo de viver na **Vila Industrial** e dava vida ao cotidiano dos habitantes locais, que se tornavam mais solidários e mais unidos.

Estas relações entre os habitantes nos bairro operário são facilitadas por sua arquitetura particular. Nesse sentido, as comunidades podem ser compreendidas como lugares de reprodução social, vistos e compartilhados por quem ali vive, como diz Carlos:

“O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante – identidade – lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.”³⁶

Mas ao longo dos anos, novas formas de trabalho surgiram, assim como novas tecnológicas foram finalmente criadas. Nesse contexto, as ferrovias desviaram-se do novo rumo do desenvolvimento econômico, perderam a maior parte de suas funções originais e também grande parte das suas estruturas originais. Edifícios industriais, comerciais e residenciais acabaram se deteriorando por contra do despovoamento e suas funções foram redefinida de acordo com as novas necessidades sociais, neste caso das populações mais pobres. Órgãos governamentais como a CONDEPACC³⁷, tombaram³⁸ não só as casas com estas novas demandas sociais, mas também as inúmeras casas que estavam em ruínas, para realização de reformas e construções com a função de salvar as moradias operárias. No entanto os projetos não se concretizaram, deixando para a população o papel de reviver o bairro agora abandonado.

Dessa maneira as casas da Vila foram reocupadas mas desta vez por uma população de baixa renda, que transformou as maioria das casas que estavam em ruínas em algo habitável.

36 Carlos (2007, p. 17)

37 Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas

38 Tombar = ato de tornar patrimônio

Em termos de moradia operária, as casas da **Vila Industrial** caracterizam-se por pequenas casas geminadas que se relacionam diretamente com a rua, com colorido desgastado de paredes com recentes rebocos. Destacam-se quatro tipologias principais:

1.

1



Fig. 37 - Alçado A: 1 porta 2 janelas

2



Fig. 38 - Alçado B: 1 porta e 1 janela

3



Fig. 39 - Alçado C: 1 porta, 2 janelas e garagem

4



Fig. 40 - Alçado D: 1 porta, 1 janela e garagem



Fig. 41 - Fotomontagem com esquema panorâmico da Travessia Manoel Dias.

Assim, o património configura-se na história da **Vila Industrial** desde a emergência da sociedade urbano-industrial na cidade e sua arquitetura, que prevalece até os dias de hoje, faz permanecer uma memória quase esquecida em um lugar de continuidades e permanências. A memória deixada pelas moradias operárias está ligada à sobrevivência material e resistência temporal sem abandonar totalmente a cultura local - o popular.

Vincular os aspetos destes objetos, em termos de materialidade e cor, com a forma de adaptação de seus moradores é interagir dentro de um novo contexto de uso do espaço geográfico, em que novas funções estão associadas as moradias que hoje são consideradas património. A diversidade de cores, materiais e adaptações transformam e dão uma nova vida ao bairro de Campinas. O essencial para a conservação do carácter arquitetónico da região está estritamente ligado a continuidade de seu uso pelos habitantes. As adaptações foram de extrema importância para a sobrevivência do património, isto é, construir no construído, resinificou as moradias sem perder suas funcionalidades e sem a descaracterização de suas arquiteturas. Pensar neste espaço arquitetónico como uma junção desigual de tempos é tentar compreender como o património se relaciona com os antecessores e como rearranjam as relações da população hoje que reconstroem e redefinem o modo de habitar, sem perder a memória do lugar.

As transformações das práticas socio espaciais causadas pelas experiências de vida urbana ao longo dos anos trouxeram uma significância maior à memória do lugar. As casas operárias, mesmo com suas mudanças estéticas, denunciam o âmago de uma arquitetura voltada para o povo, em que a conservação da alma popular prevalece nas particularidades de cada habitação com o registros únicos de cada morador, sem perder, contudo, a essência da memória do lugar, que aflora o passado latente e transporta os laços de identidade entre o presente e o passado revelado nas (re)construções.

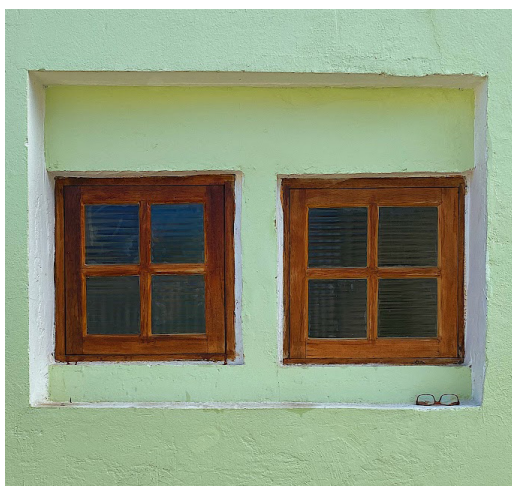


Fig. 42 - Vila Industrial. Alteração da janela



Fig. 43 - Vila Industrial. Diferenciação dos alçados



Fig. 44 - Vila Industrial. Diferenciação dos alçados



Fig. 45 - Vila Industrial. Diferenciação dos alçados



Fig. 46 - Vila Industrial. Casas operárias



Fig. 47 -Vila Industrial. Uso dos espaços



Fig. 48 - Vila Industrial. Casas operárias



Fig. 49 - Vila Industrial. Casas operárias



Fig. 50 - Desenho em nanquim sobre papel, de Fúlvia Gonçalves representando crianças em frente à porta de uma casa na Vila Industrial.



Fig. 51 - Desenho em nanquim sobre papel, de Fúlvia Gonçalves representando Tv. Manoel Dias na Vila Industrial.



Fig. 52 - Desenho em nanquim sobre papel, de Fúlvia Gonçalves representando uma vista da fachada principal na Vila Industrial.



Fig. 53 - Desenho em nanquim sobre papel, de Fúlvia Gonçalves representando casa, hoje demolida, na Vila Industrial.



Fig. 54 - Desenho em nanquim sobre papel, de Fúlvia Gonçalves representando uma vista três quartos na Vila Industrial.



Fig. 55 - Desenho em nanquim sobre papel, de Fúlvia Gonçalves representando Tv. Manoel Dias, na Vila Industrial.

O património arquitetónico e a memória coletiva se inserem dentro do contexto patrimonial e revelam experiências particulares em cada pessoa. O escritor Marcel Proust³⁹, no seu livro “*Em Busca do Tempo Perdido*”, realça as minúcias das chamadas memória voluntária e involuntária. A primeira surge com o dever de lembrar, ela é construída e muitas vezes celebrada. É a memória ligada à inteligência e ao olhar. Já a segunda – memória involuntária – é associada a algo fora de alcance, aquilo que evoca um passado escondido e que surge a partir de algum estímulo ligado aos sentidos, pode ser ele cor, luz, som ou cheiro. A memória involuntária, segundo o autor, está no meio entre a voluntária e o esquecimento e se destaca na ação de provar o passado em uma nova circunstância.

A memória dentro do cenário arquitetónico comunica-se diretamente com a segunda definição do autor, na medida em que se desenvolve a partir dos sentidos e estímulos e muitas vezes traz lembranças que antes estavam fora de alcance. As casas da **Vila Industrial**, produzidas em série, despojada de compromisso estético, reafirmam a ideia do passado, onde há a permanência de padrões espaciais consolidados na memória do bairro. A sobrevivência do passado está na constância de padrões espaciais consolidados na memória onde o saber popular tem seu valor na construção do presente.

Os padrões de ocupação do espaço, as “*Dezenas de existências simultâneas*”⁴⁰ (Georges Perec) revelam uma experiência particular ao se caminhar pelo bairro. A ausência de vegetação e espaços verdes revelam os recintos autónomos construídos ordenadamente no espaço livre, uma autenticidade e singeleza na (re)construção e (re)definição de cada habitação. As ruas em paralelos em granito mostram o património territorial que permanece. As fachadas evidenciam o grau de poder aquisitivo de cada morador. A escolha e qualidade de cada material, seu estado de conservação, a preocupação estética testemunham um olhar discreto sobre o nada em que o bairro se torna um lugar de permanências e elaborações.

Habitar hoje no lugar de ontem constrói a história cultural da Vila e atualizam o tempo e espaço.

39 Marcel Proust (1871-1922) foi um escritor francês. Fez parte do modernismo francês. Suas obras abordam análise psicológica e social, para além de criticar aristocracia e a elite burguesa.

40 Trecho retirado do livro *A vida modo de usar*, do escritor Georges Perec. O livro é um jogo: um conjunto de micro-narrativas do cotidiano: relações entre vizinhos, entre existências simultâneas.

PORTAS



Fig. 56 - Fotomontagem com esquema das diferentes portas encontradas no bairro

JANELAS



Fig. 57 - Fotomontagem com esquema das diferentes janelas encontradas no bairro



Fig. 58 - Vila Industrial, 1939.

LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO



Fig. 59 - Vila Industrial. Travessia Manoel Dias.



Fig. 60 - Vila Industrial. Passeio na Trávia Manoel Dias



Fig. 61 - Vila Industrial. Camadas do passado.



Fig. 62 - Vila Industrial. Alçado de casa com marcas do passado.



Fig. 63 - Vila Industrial. Entrada da Travesia Manoel Dias



Fig. 64 - Vila Industrial. Alçado de antiga casa operária



Fig. 65 - Vila Industrial. Tratamento e diferenciação dos alçados.



Fig. 66 - Vila Industrial. Alçados.



Fig. 67 - Vila Industrial. Alçados em casas geminadas



Fig. 68 - Vila Industrial. Janela esquecida



Fig. 69 - Vila Industrial. Janela e segurança da casa



Fig. 70 - Vila Industrial. Uso dos espaços.



Fig. 71 - Vila Industrial. Tratamento dos alçados.

2.3

OBSERVANDO A CÉLULA:

HABITAR A CASA OPERÁRIA, UMA MEMÓRIA
DO PASSADO

Ao entrar nas casas operárias observamos diante de nós um ambiente doméstico com inúmeros elementos que caracterizam a história da **Vila Industrial**. Cinco destas casas foram visitadas e estudadas para que entendêssemos o processo de adaptação das habitações diante as mudanças de tempo e espaço e como estas influenciaram a arquitetura e o território da região. Cada moradia foi ajustada à sua maneira, de acordo com as vontades de seus moradores. Alguns deles fazem questão de seguir o regimento das leis patrimoniais que estão em vigor e só alteram o que é prescrito por lei. Outros, aproveitaram-se da falta de fiscalização por parte governamental, já se consideram mais livres para alterar os espaços de acordo com suas necessidades.

Deste modo, nomeamos as casas pelo tipo de adaptação feita pelos moradores, e em seguida analisaremos como estas transformações estão relacionadas com a arquitetura, a cultura e a memória do lugar.

As conversas com cada morador também auxiliaram no entendimento da composição das casas e como elas se transfiguram ao longo do tempo.

1 CASA 1 E 2 – DIFERINDO AS CASAS OPERÁRIAS

Encontramos a instalação de casas operárias geminadas em muitas partes do bairro e consideramos esse modelo importante para o processo de comparação entre os modos de adaptar. As casas de estudo visitadas se localizam na Rua Doutor Sales de Oliveira, próxima a estação ferroviária Companhia Paulista.

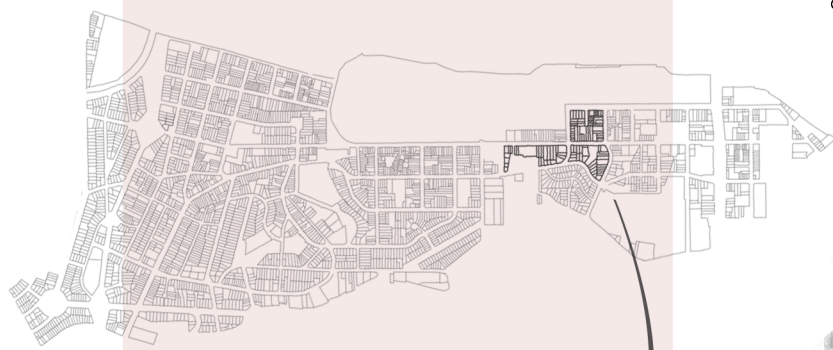
A fachada das casas (A) já nos mostra uma diferenciação de relação entre a casa e a rua. Enquanto a casa da esquerda busca um diálogo mais fluido com o exterior, a fachada da direita já não nos permite espreitar para além do portão de vidro opaco. A conexão entre interior e exterior continua ao entrarmos em ambas as casas. O que seria a porta externa de entrada na casa a esquerda (B), com a parede a sinalizar a falta de acabamento, na outra moradia, ao passarmos pelo portão de vidro, já nos encontramos na parte interna da casa, sendo o local da porta um portal para a transição entre os espaços (H). A colocação de uma cortina em uma janela que já não existe (I) cria uma forma de adaptar o espaço que em outros tempos possuía outra função. O acabamento inacabado das paredes da primeira casa (D, G) convida-nos a perceber a passagem do tempo e os contrastes entre o presente e o passado. A diferenciação de materiais (J, O) e a inserção de novos componentes na casa (8) são reflexos de escolhas individuais onde cada morador utiliza-se das suas vontades para tornar o ambiente mais habitável para si.

Em termos de planta, nota-se algumas diferenças nas zonas oposta a entrada das residências. O que na casa **1** é o local de cozinha e lavanderia (7, 9), na casa **2** encontramos o quarto com uma casa de banho e um espaço semiexterior (5, 6). Modificações que indicam que “*o ambiente construído é uma coisa, a maneira como se habita é outra*”⁴¹ e como a adaptação surge em meio a evolução e uso dos espaços.

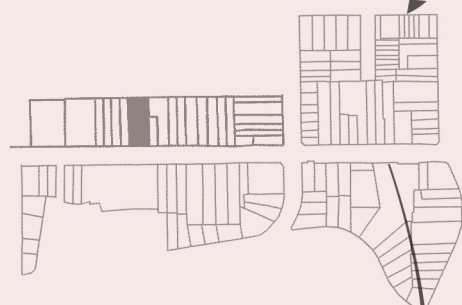
41 Trecho retirado do Livro Construir o Habitar, de Rennett Conett.

1 DIFERINDO A CASA OPEÁRIA

O BAIRRO



O QUARTEIRÃO



A RUA

LEGENDA

- | | |
|----------------------|------------------|
| 1. ENTRADA | 6. CASA DE BANHO |
| 2. ZONA DE TRANSIÇÃO | 7. COZINHA |
| 3. SALA 1 | 8. ZONA EXTERNA |
| 4. QUARTO 1 | 9. LAVANDERIA |
| 5. QUARTO 2 | 10. ANEXO |

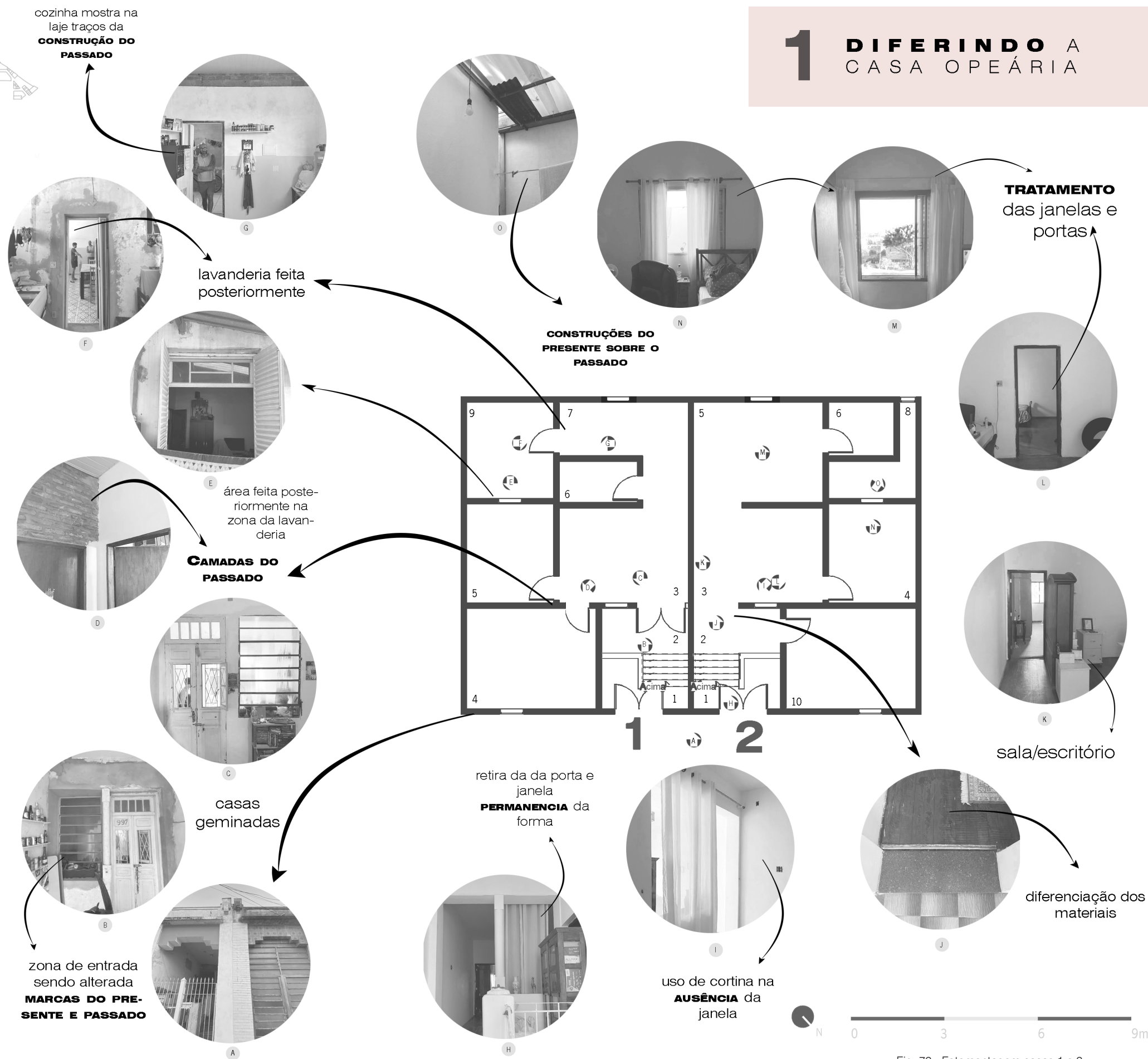


Fig. 72 - Fotomontagem casas 1 e 2

2 CASA 3 – ACOMODANDO A CASA OPERÁRIA

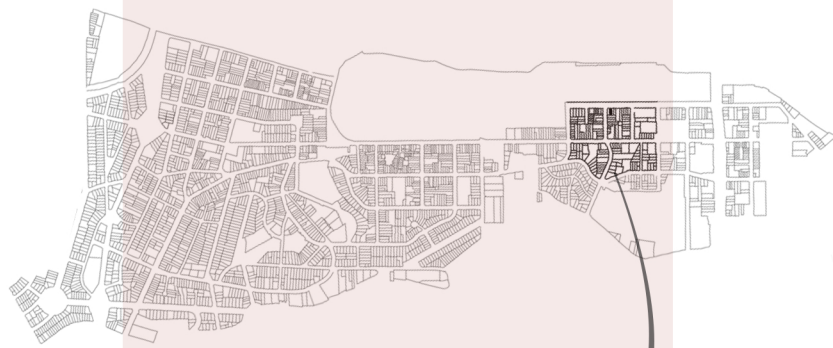
A casa **3** visitada também é caracterizada como uma casa geminada como visto na foto 1. No entanto, diferente das duas primeiras, ela foi estudada individualmente. Localizada na Rua Prudente de Moraes, o que nos chama atenção no primeiro contacto com a construção é o desenho da fachada (B). Nela vemos que a janela ali colocada não segue sua forma original, como é colocado na parte superior da fachada. É notável que a área da porta de entrada também foi substituída por um pequeno portão e uma janela em vidro, isto é, no passado o local que era constituído por um elemento (uma porta longa e estreita), hoje passam a ser dois (um portão metálico e uma janela em vidro).

Ao entrar na casa, deparamo-nos imediatamente com o contraste de cores. O verde chamativo que observamos na fachada dá lugar ao branco, a neutralidade no espaço interior. O que mais chama atenção na moradia é a disposição dos móveis pelos brancos da casa. Em um primeiro momento, na sala, os móveis parecem estar em seu local habitual (D, E, F), porém ao se adentrar pelas divisões da moradia, notamos que alguns componentes se encontram deslocados. Como é visto na planta, a cozinha possui uma área pequena comparada à sala, o que permite somente a inserção do frigorífico (H), sendo os outros elementos, como armários e o fogão, encontrados em outros compartimentos da casa. A casa de banho também possui algo peculiar em sua constituição. A sanita se encontra dentro da zona do chuveiro (J), sendo ambos separados pelo box de vidro. Aqui, a dimensão e estrutura da casa de banho criou uma maneira de adaptar esta divisão.

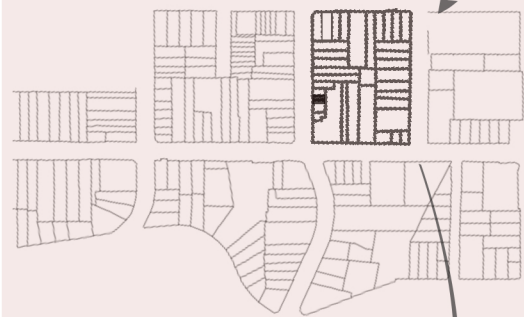
Na área externa, destinada a lavanderia, deparamo-nos com o fogão (L). Por conta da área reduzida na cozinha a solução encontrada foi acomodar este móvel na parte externa da casa, junto a máquina de lavar e o tanque. A adição de uma cobertura colocada posteriormente na lavanderia (M) junto com traços de materialidade na região das portas (7) revelam a passagem do tempo sobre o lugar de memória, a casa operária e como os moradores desta conciliaram o espaço passado com seu uso no presente.

2 ACOMODANDO A CASA OPEÁRIA

O BAIRRO



O QUARTEIRÃO



A RUA

LEGENDA

- | | |
|----------------------|-------------------------|
| 1. ENTRADA | 5. QUARTO 2 |
| 2. ZONA DE TRANSIÇÃO | 6. COZINHA |
| 3. QUARTO 1 | 7. CASA DE BANHO |
| 4. SALA | 8. LAVANDERIA E COZINHA |

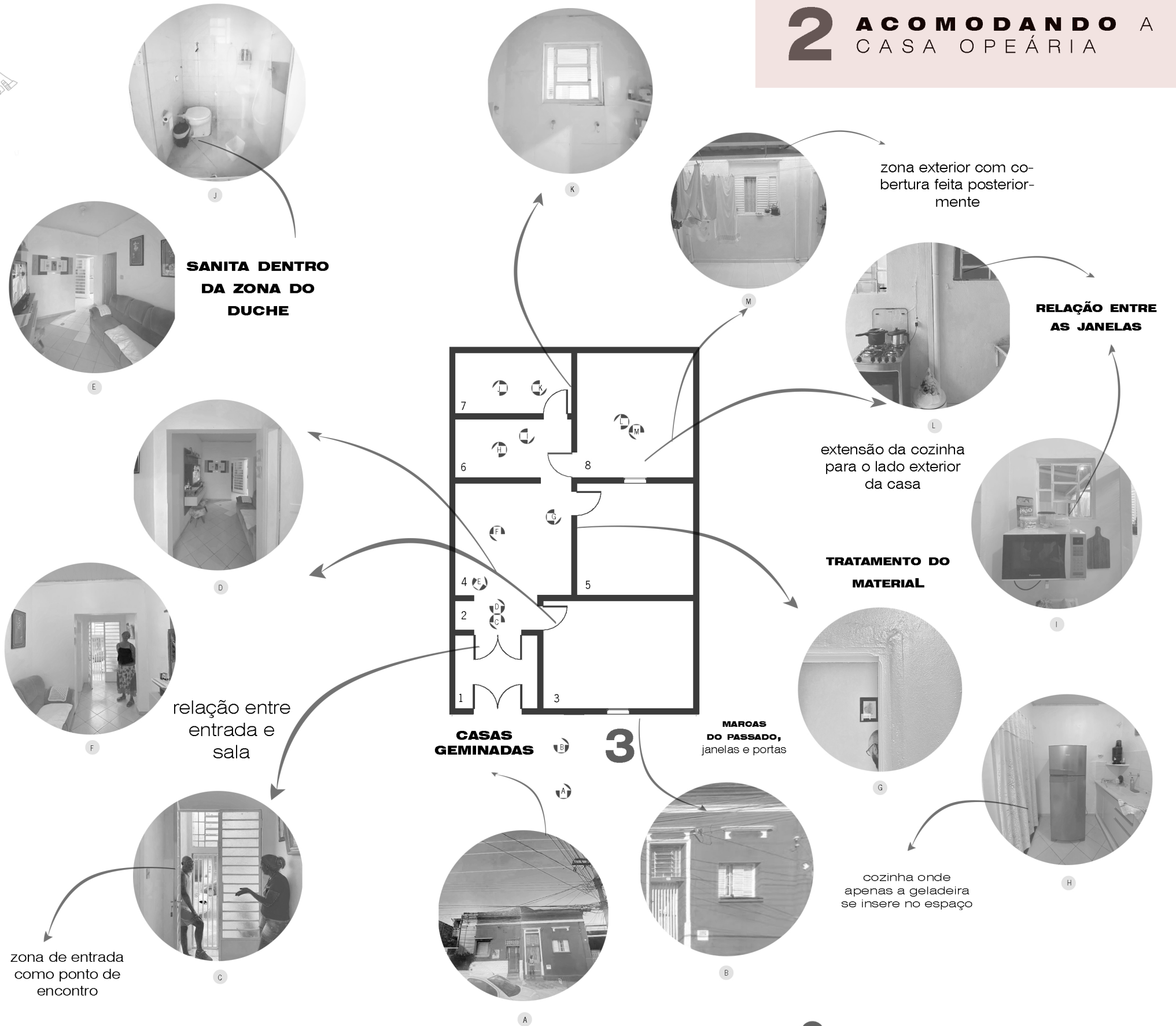


Fig. 73 - Fotomontagem casa 3

3 CASA 4 – REORGANIZANDO A CASA OPERÁRIA

Reorganizar foi umas das maneiras de adaptar a casa **4**. Na Rua Prudente de Moraes a fachada (A) já exibe uma preocupação estética, mas ao mesmo tempo descaracteriza um de seus elementos principais: a porta. A porta de entrada da casa foi substituída por um portão lateral com dois degraus para acesso e esta reformulação no exterior influenciou algumas respostas na distribuição dos espaços no interior como iremos descrever a seguir.

A zona de entrada (C), também exterior, permite-nos observar algumas características que enfatizam formas de adaptar a casa. Uma das paredes foram perfuradas, não para colocar quadros, mas sim para suportar utensílios de limpeza como vassouras e esfregões. O ínfimo corredor de passagem para o quintal (3), a casa de banho (2) no exterior da casa, são componentes do passado que permaneceram no hoje. Os materiais (D), como a madeira e o reboco são cobertos por traços de tinta com uma certa ausência de rigor em sua execução.

As passagens que dividem os espaços da moradia são elementos relevantes apresentam-se inclinados em sua parte superior. O peso da laje fez com que se sobrecarregasse essa região e alterou então a forma das portas de acesso (G, I).

A modificação da entrada da casa como descrito anteriormente, criou na sala de estar um novo tratamento para a porta que antes era uma transição direta entre a rua e o íntimo. Colocou-se uma cortina, um sofá e uma mobília junto a antiga porta (H), que subverteu em totalidade a função deste elemento e reorganizou o modo de estar nesta divisão.

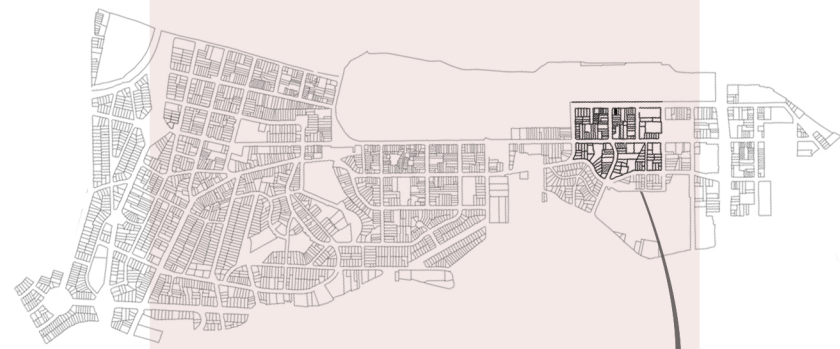
Dentre as conversas com a moradora da casa, ela cita que a adição de uma porta do lado oposto daquela que foi descaracterizada fez-se necessário. Com a mobilidade reduzida de seu companheiro, o objeto foi colocado ao lado de uma janela já existente (M) para facilitar o acesso a casa de banho no exterior, para assim, evitar a passagem pelas escadas. Essa nova adaptação reorganizou não só o interior da casa, como também trouxe um novo olhar para a nova área de transição, o quintal (7).

No quintal (7), o verde, ausente nas ruas da **Vila Industrial**, toma conta de todo o espaço e transforma este novo corredor externo que antes estava abandonado, como contou-nos a moradora.

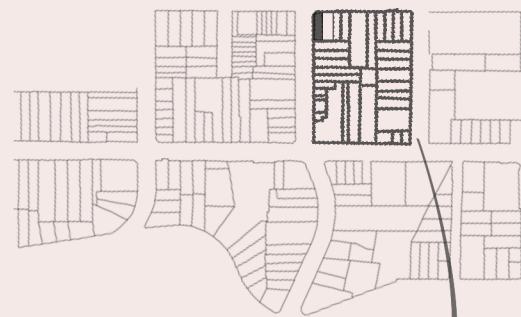
Por último, o arame farpado inserido na fachada (B) cria um grande contraste com o a casa- patrimônio. A busca pela segurança, aqui, também é um fator de relevância para os habitantes e até mesmo cultural. A seguridade é também coloca em causa o modo de viver das pessoas e faz com que as habitações sejam adaptadas para satisfazer esse sentimento de proteção.

A reorganização desta casa, ligada a questões do presente - acessibilidade e segurança -trouxeram respostas interessantes para a moradia, sem deixar de lado a memória do lugar, o passado que emerge em seus cantos, seus espaços e suas “inclinações”.

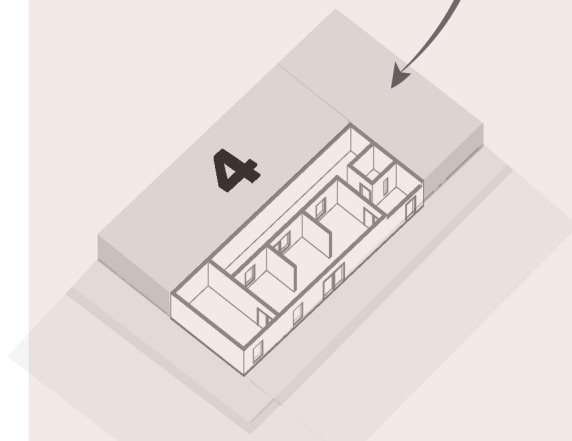
3 REORGANIZANDO A CASA OPEÁRIA



O BAIRRO



O QUARTEIRÃO



A RUA

LEGENDA

- 1. ENTRADA
- 2. CASA DE BANHO
- 3. COZINHA
- 4. SALA
- 5. QUARTO 1
- 6. QUARTO 2
- 7. QUINTAL
- 8. LAVANDERIA

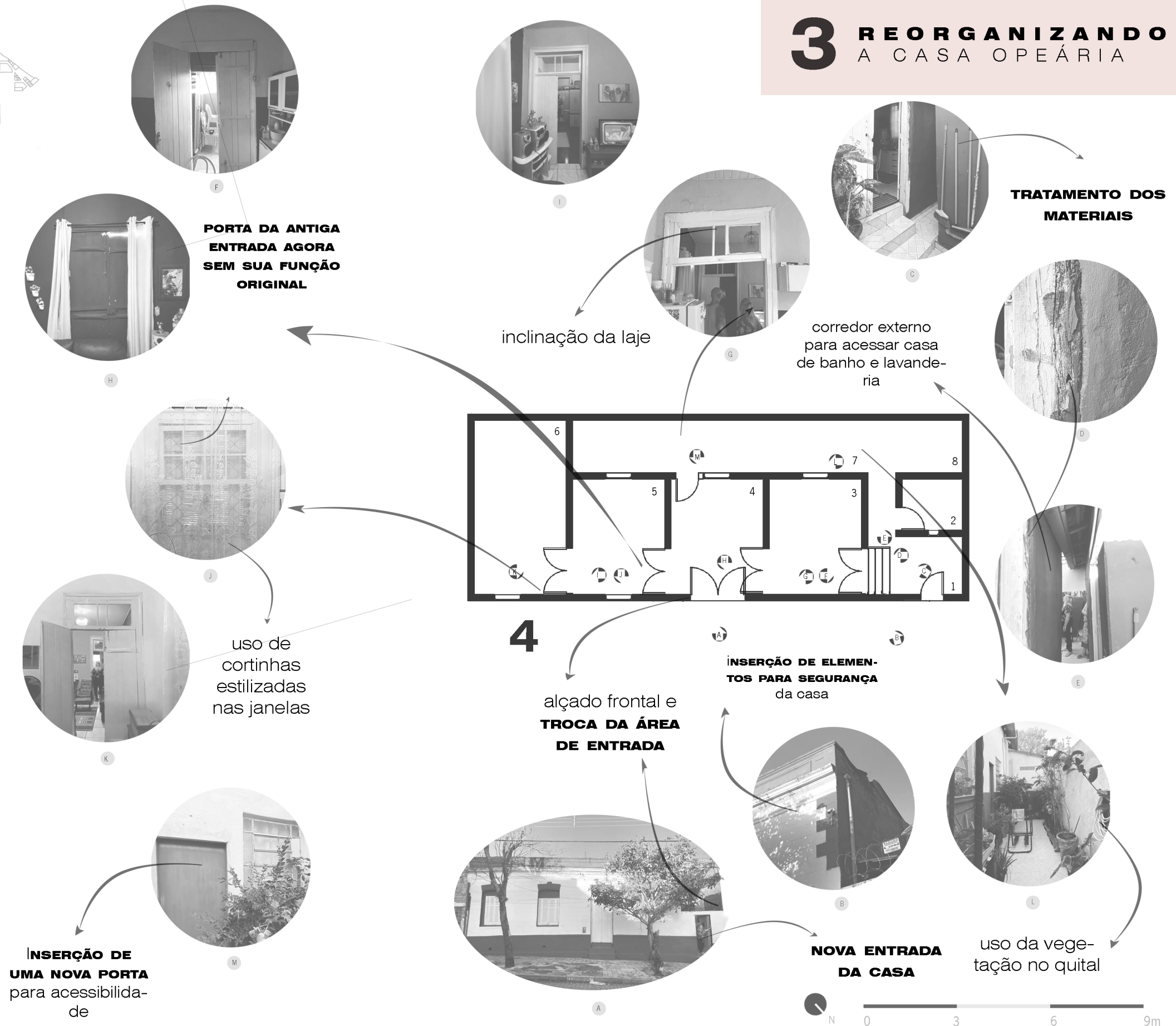


Fig. 74 - Fotomontagem casa 4

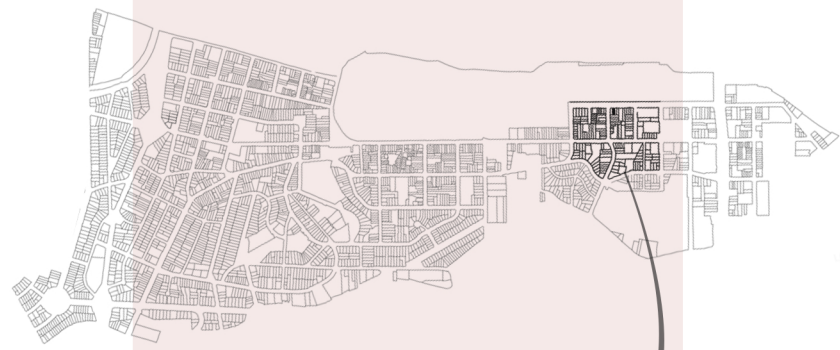
4 CASA 5 – COLORINDO A CASA OPERÁRIA

A última casa, **5**, localizada na Rua Francisco Teodoro reflete um caráter mais poético na maneira como transforma os espaços diante o modo de viver da habitante. Com o uso de diferentes cores e estereotomias a casa se torna um quadro onde a tela é a construção do passado e as cores são as adaptações do presente. Diante a fachada (A), esquecida, pensamos a priori que estamos diante de uma construção abandonada. No entanto entre vãos das janelas surge a realidade por detrás do passado esquecido.

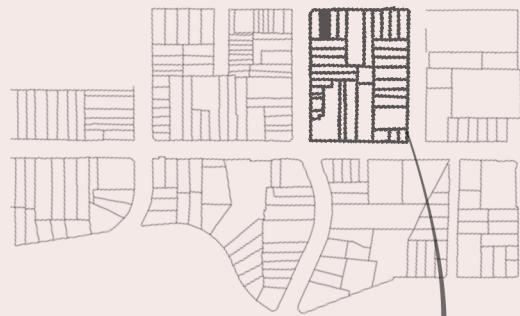
A estrutura da casa parece congelada no tempo. A portas e janelas da entrada (B, C) revelam que nunca foram restauradas e o que da vida aos espaços são as cores e formas feitas pela própria moradora como alternativa por não ter renda para realizar um projeto de reabilitação. O caráter mais fluido da planta enfatiza a espontaneidade dos traços delineados por toda a casa. As flores pintadas nas portas (D), os tatamis coloridos colocados pelo chão (E, F, G), as paredes estilizadas (C, J), os diferentes tapetes espalhados pelo chão de madeira (I), as cortinas instaladas junto as portas (E, G), o enquadramento dos móveis (J, G) são todas ações que provocam experiências sensoriais ao usuário. A forma como esta casa é adaptada sem perder sua essência revela a identidade da pessoa que ali vive e ainda mostra como os menores e humildes meios técnicos podem transformar a forma de ver e viver em um património.

A continuidade do uso pela habitante garante a sobrevivência do património. De acordo com a renda, necessidade e segurança, a comunicação entre passado e presente, memória e identidade permanecem em cada uma das casas observadas. A singularidade na maneira de adaptar os espaços assegura a diversidade estética do bairro em uma maneira informal de habitar o património.

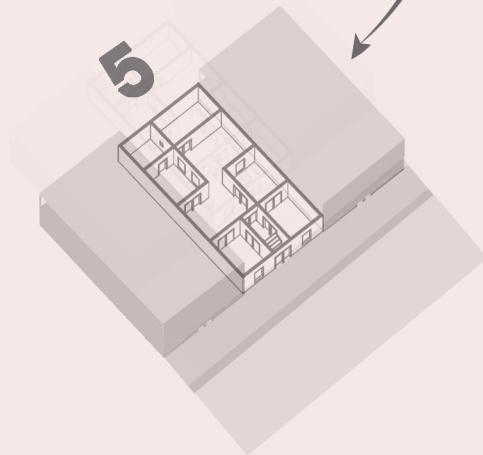
4 COLORINDO A CASA OPEÁRIA



O BAIRRO



O QUARTEIRÃO



A RUA

LEGENDA

- 1. QUARTO 1
- 2. QUARTO 2
- 3. SALA 1
- 4. QUARTO 4
- 5. COZINHA
- 6. SALA 2
- 7. CASA DE BANHO
- 8. QUINTAL



L



M

JANELAS INSERIDAS POSTERIORMENTE



K

zonas adicionadas posteriormente

USO DE TAPETES PARA ESTILIZAÇÃO DO CHÃO

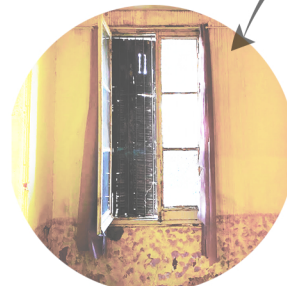


I



J

pintura na parede para estilização da mesma



C

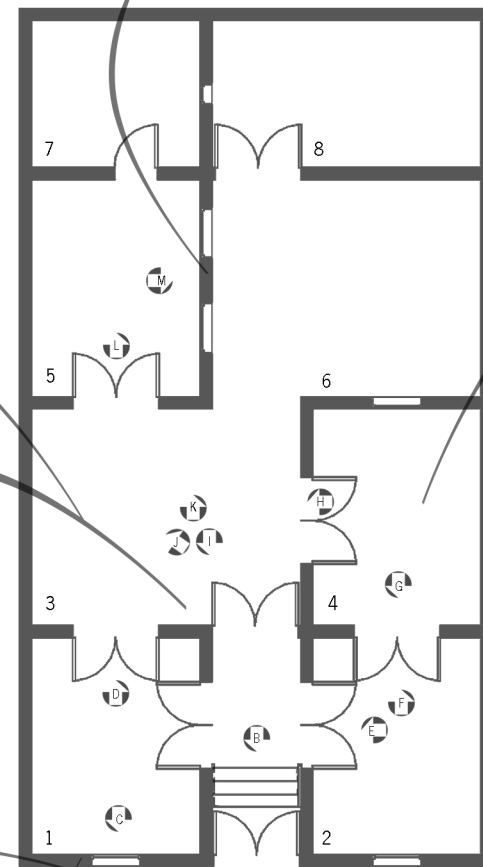
janela "esquecida" + pintura da parede



A

ALÇADO "ESQUECIDO"

5



5

USO DE CORES

CORTINA COMO SEPARADORA DOS ESPAÇOS

USO DE TAPETES

PORTA INALTERADA



D



E

tatames como tapetes



F



G



H



Fig. 75 - Fotomontagem casa 5

Dentro do universo doméstico, Edward T. Hall⁴² nos traz uma perspectiva sobre o espaço: como o ser humano o vê e se apropria dele. Em “*A Dimensão oculta*”⁴³ o autor concede as realidades culturais ao tipo de apropriação gerada em quatro distâncias - íntima, pessoal, social e pública – e como as pessoas se relacionam com tais realidades a partir das sensações – visão, audição, tato, olfato e paladar.

Interessa-nos compreender aqui como a cultura do lugar, no caso no bairro **Vila Industrial**, influencia os comportamentos e as respostas às transformações da casa operária. Diante a ideia exposta por Edward T. Hall, é possível observar como os estímulos sensoriais e a história da Vila são a base para moldar a habitação, visto que as casas estudadas, suas adaptações, são resultados de diferentes combinações de sentidos e evoluções. O uso das cores, a escolha de texturas nas paredes, materiais, modificações de portas, janelas e mobília estão todos dentro de uma vontade de traduzir um tempo passado nas necessidades do presente.

Mesmo por ser se tratar do património, de uma estrutura congelada, as habitações desenvolvem certa identidade pessoal perante a experiência de cada morador, como podemos captar na diversidade compositiva nas casas visitadas. As relações humanas, em cada casa revelam sua identidade e contribuem para um raciocínio interpretativo acerca das reações e atitudes se escolhem, no presente, perante o tempo passado que circunda os habitantes.

42 Edward Twitchell Hall Jr. (1914-2009) foi escritor e antropólogo americano. Hall trabalha com o relativismo linguístico (como diferentes linguagens influenciam nas diferenças culturais, psicanálise, biologia e etologia (estudo do comportamento animal). Com conceitos da antropologia cultural, o autor usa conceito de cultura como um sistema de padrões que aprendidos e como é comunicado.

43 O livro *A dimensão oculta* revela uma análise profunda acerca das preocupações espaço e como o ser humano o percebe e se apropria dele de acordo com sua cultura.

Pensar nas relações entre casa e corpo, passado e presente, cultura e memória remete-nos novamente para Lina Bo Bardi. A percepção e adaptação dos espaços com que Lina trabalha pode se assimilar, de maneira mais ingénua e informal às formas de transformação das casas operárias pelos moradores. A capacidade de abstração da arquiteta, associada a cultura do lugar, ao património e tradição como descrito no capítulo 1.2, evoca ao tratamento (espontâneo) das casas operárias por seus habitantes, visto que recorrem a ideias simples com meios técnicos tradicionais para adaptar o modo de viver de acordo com suas necessidades. Da mesma forma que estes usuários pensam no agora para traduzir o espaço do passado – com cores, texturas, materiais -, Lina explora esse conceito de modo formal e crítico pois, como analisado anteriormente, sugere um estudo categórico do património, cultura, sensações e uso do lugar, para assim reinterpretar o passado mediante sua utilização no presente.

No livro “*Construir e Habitar*”⁴⁴, Richard Sennett⁴⁵ afirma que a *adaptação surge em meio a evolução* (p. 67), e esta liga-se intrinsecamente às adaptações feitas por Lina Bo Bardi e também às realizadas pelos moradores da **Vila Industrial**. Isto por que os indivíduos transportam consigo esquemas internos de estrutura e espaço que mudam com o passar do tempo como vimos na análise das casas estudadas e nos projetos concretizados por Lina. Ambas as construções consideraram o ambiente construído como um elemento e a forma como se habita, se utiliza do espaço outro. O ambiente construído, nos dois casos está ligado ao património, ao edifício concreto. A forma como se usa o espaço relaciona-se com as alterações feitas para se encaixar nas necessidades dos usuários.

Enquanto Lina trabalha em uma escala coletiva, com projetos de carácter público, os moradores da **Vila industrial** abordam de modo intimista essa tal relação com o uso do espaço passado no presente. No entanto, verificamos que tal abordagem tem seus efeitos no contexto territorial, pois como visto no capítulo Andando pelo bairro: **Vila Industrial** e património, as casas realçam a diversidade estética de acordo com os modos de viver e usar de seus habitantes.

44 *Construir e Habitar* é resultado de anos de estudo sobre urbanismo. Sennet explora a relação aproveitamento do espaço construído e a vida, usando inúmeras cidades ao redor do mundo como exemplo, além de sua própria experiência como urbanista.

A solução prática para a maior parte dos problemas urbanos, na visão do autor, é encontrar na ética respostas para a relação entre o planejamento da cidade e seus habitantes.

45 Richard Sennett é um sociólogo, historiador, romancista e músico. Escreve sobre a vida social nas cidades e fenômenos relacionados à atividade das sociedades humanas.

A transformação espacial gerada pela passagem do tempo nas casas operárias nos incita a olhar para o bairro como um palimpsesto, entre constantes evoluções e redesenhos as construções não apagam o passado, mas trazem uma nova significância ao mesmo, através da materialidade dos espaços e da vivência destes no presente assim como foi observado na descrição das moradias visitadas e ao se analisar o bairro no capítulo anterior.

“Negligenciar o tempo presente no tempo do projeto resulta em ocultar uma camada de cidade; descurar o passado significa ignorar a memória de um lugar, e ambas são essenciais para o desenho da cidade e da arquitetura. Intervir no palimpsesto urbano implica recuperar o passado, não no sentido de imitá-lo, mas no sentido de reinventá-lo para a contemporaneidade.”⁴⁶

A frase acima amplia o entendimento sobre a adaptação em um contexto patrimonial. As casas operárias transmutadas por seus usuários e Lina com seu olhar sobre a memória do lugar nos leva a perceber as formas de moldar o espaço de acordo com os usos seja individual seja coletivo.

Deste modo, criamos a ponte para o último capítulo que visa estudar meios de intervenção a fim de valorizar a história do bairro, a apropriação das casas e a cultura do lugar tendo em conta as lições de Lina Bo Bardi para ressaltar a importância do povo e seus comportamentos em uma junção entre arte e cidadania.

46 (Morgado, Jéssica Gouveia pg.5)

LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO



Fig. 76 - Alçados de casas geminadas, casa 1 e 2.



Fig. 77 - Porta sem sua função original, casa 4.



Fig. 78 - Janela estilizada, casa 5.



Fig. 79 - Janela escondida por objetos, casa 2.



Fig. 80 - Fogão na zona externa da casa, casa 3.



Fig. 81 - Tapetes com estilização, casa 5.



Fig. 82 - Porta estilizada com desenhos, casa 5.



Fig. 83 - Pintura em casa 5.



Fig. 84 - Pequeno corredor externo, casa 4.



Fig. 85 - Materiais do presente e passado, casa 2.



Fig. 86 - Materiais e tecidos,

(RE)OBSERVANDO A CÉLULA

1

TRANSFORMAÇÃO
E PERMANÊNCIA



FIG. 87

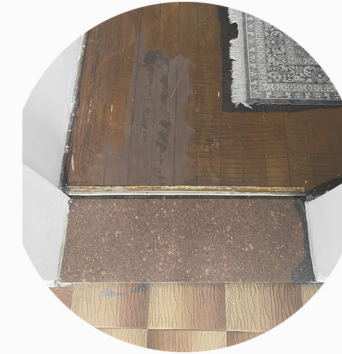


FIG. 95



FIG. 94



FIG. 88



FIG. 89



FIG. 97



FIG. 96

(RE)SIGIFICAR OS
ESPAÇOS

3

2

ADAPTAR E HABITAR



FIG. 92



FIG. 91



FIG. 99



FIG. 98



FIG. 93

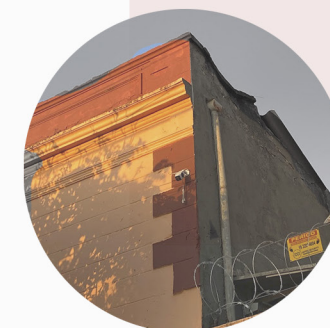


FIG. 100



ENSAIANDO SOLUÇÕES



Fig. 101- Fotomontagem localização das ações

De acordo com a Direção Geral de Património, a intervenção na cidade, em termos de município, a prefeitura Campinas deve:

- Valorizar e preservar o património cultural, arquitetónico e urbanístico, sustentando a história e a cultura da cidade em que se insere;
- Proteger o carácter identitário das zona
- Garantir infraestrutura de produção e multiplicação cultural, de forma a responder aos públicos que estão cada vez mais diversificados
- Possibilitar a diversidade social que valoriza o tecido urbano da cidade; e caracteriza o local de vivência social
- Garantir padrões de qualidade nas intervenções de reabilitação urbana, a fim de garantir qualidade de vida aos usuários.

Os tópicos abordados, quando cumpridos nos quesitos governamentais, auxiliarão na permanência da cultura e história arquitetónica do bairro **Vila Industrial**, pois, como dito acima, reforçam a difusão e produção cultural a fim de responder às vontades da diversificação popular.

A concretização da qualidade do lar, depende não só de cada morador, como abordado no capítulo anterior, mas também de uma preocupação por parte estatal em manter o património com leis e termos mais apelativos para valorizar o tecido urbano e consequentemente as casas que o compõe. A rua seus equipamentos, tais como o curtume, a Igreja São José e a estação ferroviária, tornam-se instalações para o uso comum, locais de vivência coletiva, onde ensaiar soluções pode ser uma resposta para a valorização deste bairro esquecido, de seu património histórico para a cidade.

O mapa de localização das intervenções é a base de apoio para esta análise. A escolha dos locais foram definidos pelo maior número de fontes imagéticas que fornecessem uma abordagem clara da ideia urbanística a se mostrar. É importante ressaltar que tais ideias são válidas para todas as parcelas do bairro e estes desenhos são estudos prévios do que possa vir a ser uma intervenção em grande escala na **Vila Industrial**.

As intervenções estão divididas em quatro tons de vermelho para representar diferentes ações no bairro operário.

O **curtume**⁴⁷ é um dos principais equipamentos da **Vila Industrial** que hoje se encontra esquecido. A utilização para o processamento do couro

47 Fábricas de processamento de couro cru



intervenção exterior dos equipamentos

Fig.102 - Fotomontagem localização ação A

já não atua mais no local e conseqüentemente todo seu espaço passou a estar abandonado. No entanto, ao se situar em um bairro histórico, onde a maioria das casas são patrimônio da cidade, o curtume, dentro dos parâmetros projetuais, têm uma influência considerável na história da **Vila Industrial** e também em sua dimensão comparada aos outros equipamentos deste território.

Neste contexto, a ideia de transformar a antiga fabrica de tratamento de couro em um espaço público a ser utilizado pelos habitantes do bairro é válida para resinificar tal espaço que até então permanece inerte.

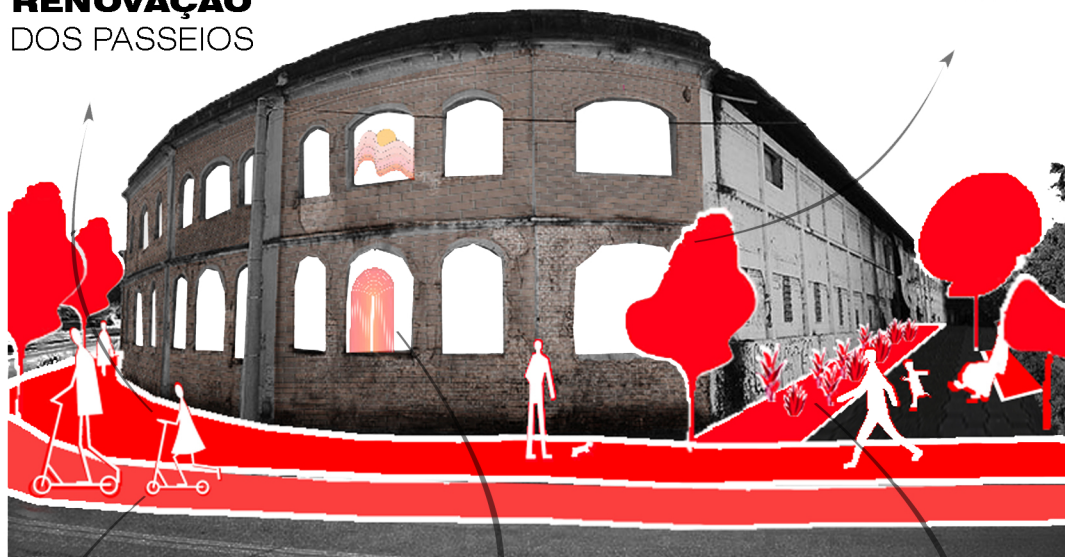
Diante dos estudos feitos nesta dissertação, como as obras realizadas por Lina Bo Bardi, restaurar o exterior do edifício e sua envolvente próxima é importante para a convivência pública e as relações entre o usuário e o espaço. Para tanto, redefinir os passeios (1) para melhor conforto dos cidadãos e a criação de ciclovias (3) para facilitar o transito dos mesmos são meios para introduzir uma nova função e valorização do espaço.

A inserção de árvores, jardins e até hortas (2, 5) para a interação entre indivíduos são sugestões que visam melhorar e enriquecer a área de intervenção.

Espaços para as crianças, como a zona das hortas e jardins ao ar livre, apontam para uma preocupação com a relação das próprias crianças com o bairro onde vivem, com o passado, sem deixar de pensar no agora. Assim como acontece com as aberturas para as janelas - vedadas logo após o fechamento do curtume - que se tornam espaços para as manifestações artísticas (6, 7) para crianças jovens e adultos como forma de conexão entre o antes e o hoje. O esquema a seguir busca representar por via de desenhos e imagens o que foi descrito até aqui, com a utilização da cor vermelha para representar as soluções externas estudadas a serem aplicadas no equipamento em questão.

1 **RENOVAÇÃO**
DOS PASSEIOS

2 **PAISAGISMO:** ÁRVORES
E JARDINS



3 **CICLOVIAS**

BICICLETAS, TROTINETES
SKATES, PATINS

5 HORTA
DIRECIONADA
PARA CRIANÇAS

4

EXPOSIÇÕES
ARTÍSTICAS

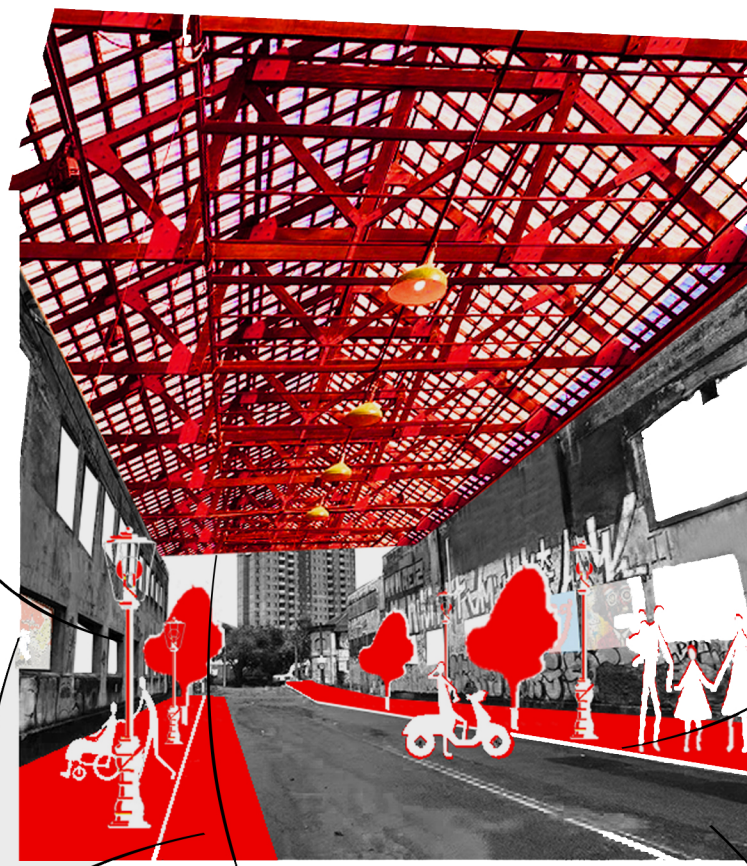


6 **ÁREA DE PRODUÇÃO**
ARTÍSTICA PARA
ARTISTAS E
POPULAÇÃO LOCAL

7 **ESPAÇOS PARA BRINCAR**
E APRENDER

Fig. 103 - Fotomontagem ação A

8
INSERÇÃO DE
PONTOS DE
ILUMINAÇÃO

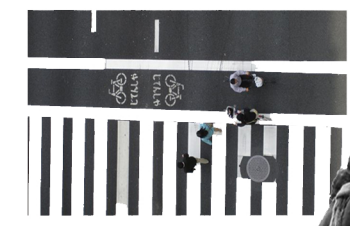


RENOVAÇÃO
DOS PASSEIOS

9
COBERTURA PARA
EVENTOS
REALIZADOS NA RUA

EXPOSIÇÕES
ARTÍSTICAS

10
ESPAÇO PARA FEIRA
E MERCADO
AO AR LIVRE



BICICLETAS, TROTINETES
SKATES, PATINS



ÁREA DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA PARA
ARTISTAS E
POPULAÇÃO LOCAL

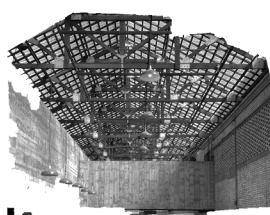


Fig. 104 - Fotomontagem ação A

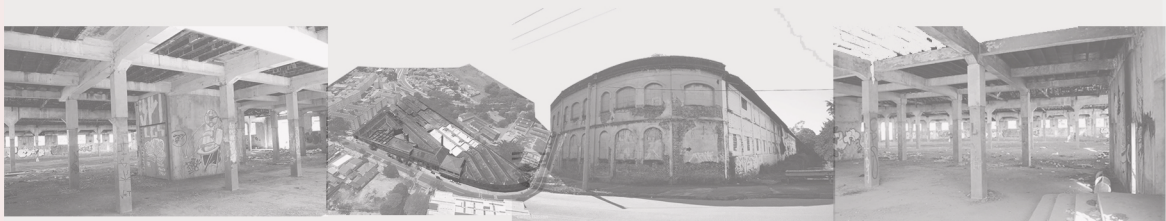
No projeto, a interação das pessoas com o antigo curtume baseia-se na obra do SESC Pompéia de Lina Bo Bardi, onde o povo, a cultura do lugar valorizam e ressignificam o edifício do passado. Como inspiração, outra solução encontrada apoia-se sobre uma ideia de cobertura no exterior (9) que conecta duas partes do equipamento. Partindo de um exemplo retirado do próprio Sesc, o esquema a seguir representa tal projeção.

A colocação de pontos de iluminação (8) que entram em concordância com as novas intervenções também foi pensado a fim de favorecer a vida pública.

O espaço exterior ao curtume, por fim, é desenhado de maneira que se possam realizar atividades ao ar livre, como o caso de feiras, mercados, exposições (10) e também manifestações artísticas. Aqui as necessidades do hoje refletem em objetos do passado.



AÇÃO B



intervenção interior dos equipamentos

Fig. 105 - Fotomontagem localização ação B

seu interior.

Nas questões estruturais, renovar as lajes (12) do edifício torna-se essencial para a segurança das pessoas que vão usufruir do lugar. A permanência dos pilares de lajes de chão favorecem a ideia de memória do lugar, testemunham o passado para que as novas funções aconteçam no presente.

Feiras permanentes, mercado (11), espaços para exposições de arte (14) e livros (13) foram princípios que auxiliaram na disposição dos objetos dentro do curtume. Zonas de restauração (15) que servem de apoio ao comércio local fazem com que o local passe a ser mais utilizado em diversos âmbitos, que possam alcançar diversas pessoas de diversas idades.

Inspiramo-nos nas obras de Aldo Van Eyke, principalmente nos Países Baixos, para reproduzir um parque infantil no interior do edifício (15). Diante essa interpretação dos parques infantis, inseri-los dentro do curtume, no contexto destas novas utilizações, visa garantir um espaço para desenvolvimento e aprendizado das crianças.

Junto das exposições e eventos culturais que podem decorrer nesta versão do equipamento para além do parque infantil, incluir todas as faixas etárias nesse conjunto de atividades é uma forma de ressignificar o património para o uso de todos.



11

**ESPAÇO INTERNO
PARA FEIRA E
MERCADOS**

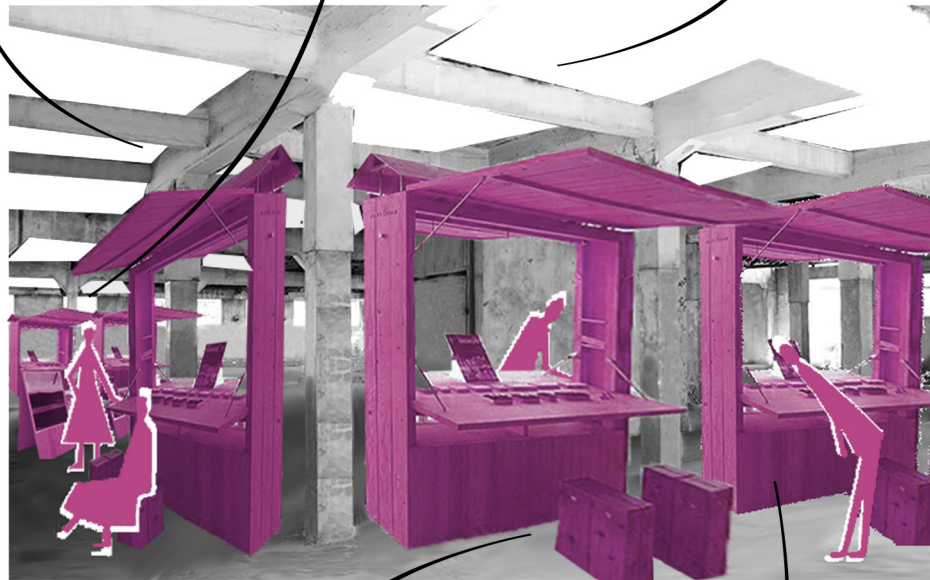


12

**RENOVAÇÃO
DAS LAJES**

13

**ESPAÇO PARA
FEIRAS E
APRESENTAÇÕES**



14

**EXPOSIÇÕES
ARTÍSTICAS
INTERNAS**



**ÁREAS DE
RESTAURAÇÃO JUNTO
AOS APOIOS**

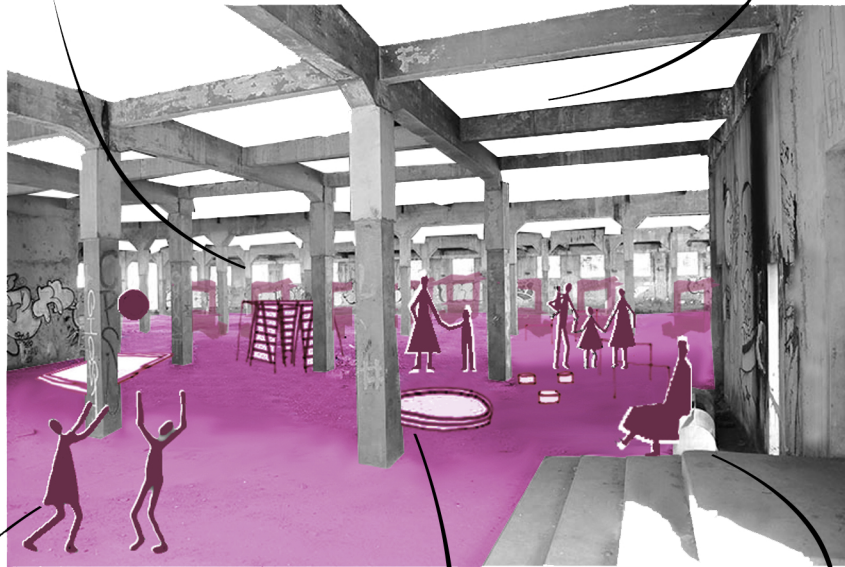


15

Fig. 106 - Fotomontagem ação B

ESPAÇO INTERNO
PARA FEIRA E
MERCADOS

RENOVAÇÃO
DAS LAJES



16 **PARQUE**
INFANTIL
INTERNO

17 **ESPAÇO FAMILIAR**
JUNTO A FEIRA
E MERCADO



Fig. 107 - Fotomontagem ação B



AÇÃO C




 intervenção nas travessias do bairro

Fig. 108 - Fotomontagem localização ação C

as soluções de intervenção que se centram na vivência popular diante suas relações na rua.

A fotomontagem que reproduziremos a seguir resulta de um conceito onde as ruas, mais estreitas em relação as outras encontradas no bairro, as travessias, se tornam o espaço de convívio entre os habitantes, praças, em que os degraus das casas são os bancos de cada morador (18). A permanência dos paralelos em granito (20) é importante para a continuidade da memória do lugar e a adição de jardins e hortas, como já inserimos nas ações anteriores, enfatizam um novo sentido em se conviver na rua com a harmonia entre pessoa, natureza e património.

Desenhar uma cobertura interativa (19), com a colocação dos guarda-chuvas, serve como forma de filtro dos raios solares para trazer um ambiente diferenciado a rua juntamente trazendo uma nova abordagem ao tratamento deste espaço público.

Dentro deste contexto, a segunda fotomontagem a ser apresentada ainda adiciona certos elementos já vistos nas intervenções anteriores. A inserção de pontos de luz (21) e renovação dos passeios afirmam uma vontade em trazer vida às ruas da **Vila Industrial** que hoje se encontram esquecidas.

Pensar em formas de utilizar o espaço público com técnicas de fácil execução fazem parte da temática trabalhada por Lina. Em Sesc Pompéia e Museu do Unhão a preservação do lugar interage com as práticas do presente pela população. Assim, as intervenções no bairro **Vila Industrial** buscam este mesmo critério, favorecendo não só seu usuários, mas valorizando e ressignificando o património histórico e arquitetónico do bairro.

18

ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA EXTERIOR.
degrau como banco/ rua como praça



19

cobertura interativa



20

JARDIM/HORTA EXTERIOR

PERMANÊNCIA
dos paralelos

CONTINUIDADE
dos usos

Fig. 109 - Fotomontagem ação C

21

Inserir novos pontos de iluminação

espaço de convivência exterior.
rua como praça



RENOVAÇÃO
dos passeios

RUA COMO
ESPAÇO DE
ESTAR

CONTIUNIDADE
dos usos

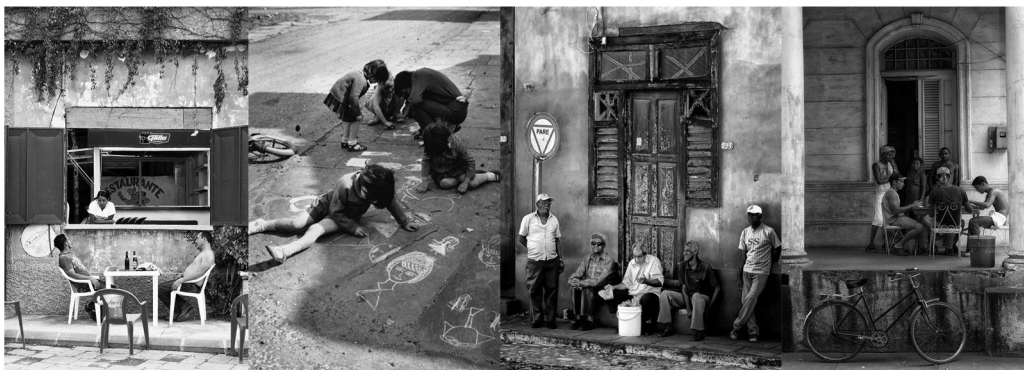


Fig. 110 - Fotomontagem ação C



AÇÃO D




 intervenção nas ruas do bairro

Fig. 111 - Fotomontagem localização ação D

já citados anteriormente, a composição destas passagens visam, assim como todos os ensaios, garantir um diálogo entre passado e presente com a valorização de ambos.

Ciclovias para bicicletas, trotinetes, patins e skates buscam funções direcionadas a própria facilitação do percurso, lazer e prática de exercícios. Áreas de convívio externo, como pequenas praças com bancos e jardins relacionam-se com a rua e as casas ao redor permitindo, então uma ampla vivência popular.

A colocação de postes de luz trazem uma preocupação estética a rua e o tratamento dos estacionamentos na mesma, com sistemas de drenagem para as águas da chuva com a grelha de enrelvamento (22) ajudam no seguimento urbano.

A primeira fotomontagem resume o que foi aqui explicado. Já a segunda foca-se na relação entre interior e exterior destas ruas em relação as áreas de comércio. Restaurar os passeios e adicionar sistemas de jardins que auxiliam no tratamento das águas da chuva (24), assim como foi feito nas zonas de estacionamento, permitem uma nova estética urbana e valorizam o esquema de alçado das casas operárias.

Combinar formas de interação entre interior e exterior nas áreas de comércio (23) com a abertura de edifícios que se encontram abandonados reorganizam as relações entre as pessoas e o bairro, enriquecendo a cultura do lugar e estimulam o comércio local, com pequenas feiras e mercearias familiares.

O bairro operário da cidade de Campinas, com estas intervenções, conjuga o antes com o agora, o passado e o presente, a memória e o lugar. Sem perder critérios de antigamente procuramos aqui dar um novo significado aos usos dos espaços abandonados a fim de criar novas relações entre os habitantes e o espaço urbano.

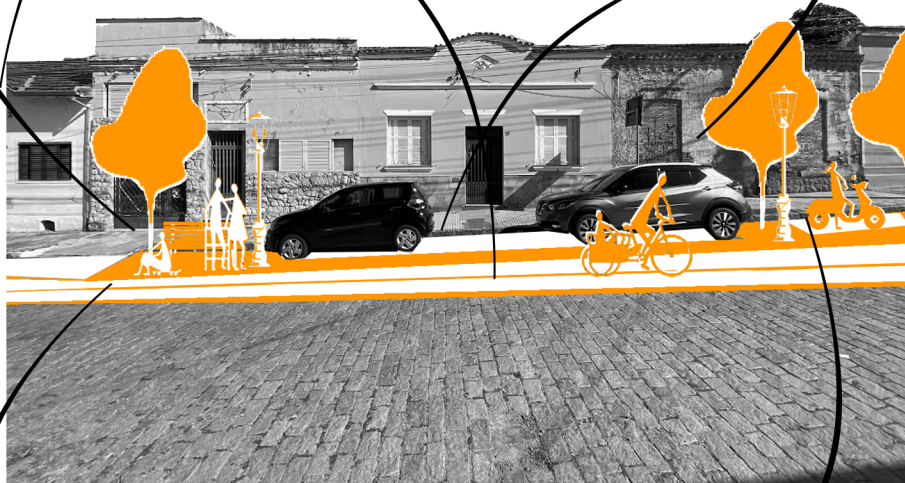


PAISAGISMO
árvores e jardins

22

ESTACIONAMENTOS
com grelha de
enrelvamento

CICLOVIAS



RENOVAÇÃO
dos passeios

Inserção de novos
**PONTOS DE
ILUMINAÇÃO**

Fig. 112 - Fotomontagem ação D

23

**ESPAÇOS DE RESTAURAÇÃO
INTERNA JUNTO AO COMÉRCIO**

24

**SISTEMA DE DRE-
NAGEM** das águas
junto aos canteiros

ESPAÇO EXTERNO
feira/mercado

RESTAURO dos
passeios

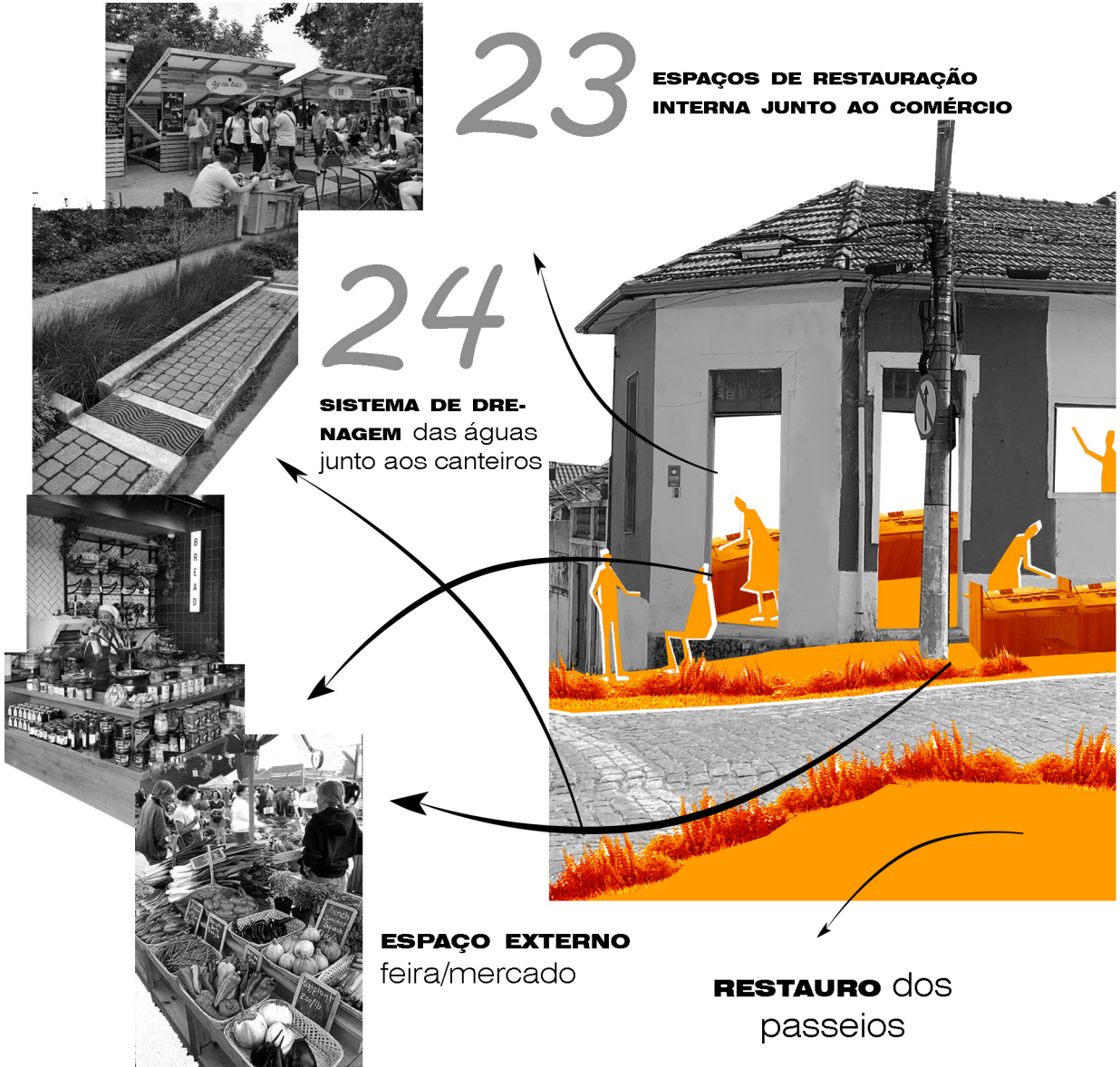


Fig. 113 - Fotomontagem ação D

de um bairro operário, e não um bairro social, o valor habitacional das moradias vai de acordo com a utilização de cada pessoa. A associação entre as diferentes formas e as diferentes cores nos alçados torna-se uma mais-valia na questão da diversidade e proporciona diferentes sensações para quem passa pela rua.

O valor arquitetónico de cada uma das casas mostra a importância popular na transformação do espaço pois, como vimos anteriormente, a população que garante a continuidade dos usos no lugar e vive o tempo de agora em um espaço do passado.

A casa é de quem a ocupa, reinterpretar a casa e resignificar o lugar habitável está nas mãos de cada morador (como foi visto no capítulo 2.3) onde cada habitante encontrou sua forma de expressar e utilizar o lar de modo que se atendessem as suas necessidades.

As intervenções urbanas, por fim, trazem respostas em maior escala a fim de ajudar o maior número de pessoas que habitam o bairro operário, proporcionando momentos de lazer, cultura, comércio local e desporto, conciliando todas as faixas etárias, desde as crianças aos idosos. Todas estas questões partem do princípio de valorizar o património e reinterpretar o mesmo para que sua memória não seja esquecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação possibilitou abordar de forma crítica as relações entre **patrimônio, espaço, tempo e lugar**. Com o caso de estudo, **Vila Industrial** na cidade de Campinas, a análise permitiu-nos investigar formas de reinterpretar e (re)significar este patrimônio que é o bairro operário.

Compreender o significado de **patrimônio** e **lugar** favorece o entendimento sobre a arquitetura e memória dentro desta investigação. O patrimônio das casas operárias, marcada por influências históricas e culturais pode ser compreendido como o resultado da junção desigual de formas-conteúdos com as ações do presente. Como exemplo disso, as antigas fábricas, estações ferroviárias e a igreja são marcas daquilo que foi produzido no passado junto a uma respostas às vivências do hoje vistas nos alçados de cada casa encontrada ali.

Ao estudar as formas de interpretação do espaço no passado, com as obras de Lina Bo Bardi, e as mudanças feitas pelos habitantes da **Vila Industrial**, procura-se neste trabalho, encontrar uma resposta que conjugue as duas formas de olhar para o passado de acordo com as necessidades do presente. Lina, de seu modo, representa objetos congelados de acordo com a **cultura do lugar**, como visto nas obras de SESC Pompéia e Solar de Unhão, onde o povo (re)significa o espaço e enaltece a continuidade dos usos junto a sua cultura, como foi visto no capítulo dedicado à arquiteta.

Do mesmo modo, os habitantes da **Vila Industrial**, de forma informal, veem suas ânsias reescritas na casa, de forma a atenderem o que é preciso de imediato.

Diferindo, acomodando, reorganizando e colorindo são algumas das diversas opções que podem existir para reinterpretar a casa operária. As casas visitadas deram-nos material para descobrir esta nova forma de habitar, onde a especificidade de cada morador se reflete no moldar da casa no presente.

1. O primeiro conjunto de casas, em que estudamos suas **diferenciações**, guia-nos a uma primeira impressão daquilo que seria as formas de **adaptar** as casas operárias, as formas de adaptar o patrimônio. A diferença do tratamento das fachadas até o desenho da planta são alguns dos princípios que utilizamos para entender tais diferenciações.

2. A terceira casa, a qual chamamos “**Acomodando** a casa operária”, foi um exemplo de como a proporção da moradia foi um fator determinante para a adaptação, onde vemos certos elementos da casa em locais diferente do usual para “caber” na mesma. Exemplos como a sanita da casa de banho e o fogão que se encontrava na parte externa da casa por não haver espaço na cozinha que o contivesse.

3. A quarta casa em que o princípio foi **reorganizar**, partiu do princípio de dar outro significado à alguns elementos da casa. No caso, uma das portas de entrada que foi lhe tirada a função e a criação de uma nova porta para o acesso ao exterior. Pormenores como a inclinação das lajes também são formas de enxergar o tratamento dado às casas operárias, onde as necessidades imediatas de cada morador são aplicadas em zonas específicas da moradia.

4. A quinta e última casa, em que **colorir** foi a forma de (re)significar o lar, mostra-nos os simples modos de transformar os espaços e trazer um novo olhar neste património. A adição de cor, estereotomias e elementos decorativos, como os tatamis e tapetes, despertam uma nova interpretação sobre o habitar de uma casa operária.

Estas especificidades internas de cada habitante acabam por reproduzir-se na escala do bairro, onde os alçados se tornam o jogo de carências de cada morador. O uso contínuo destas casas, como foi visto nas visitas às mesmas, acabam por manter a **memória do lugar** sem perder a funcionalidade do presente.

A maneira como o passado e o presente se combinam, no caso deste Bairro Operário mostra que a é preciso certa valorização deste território e por isso foram realizados os ensaios visando esta tal reinterpretação da **Vila Industrial** sem perder os dois “lados”.

Explora-se, então, no último capítulo como reinterpretar a memória do lugar dentro das necessidades de seus usuários no presente. Estas intervenções visam a valorização da identidade do espaço sem perder o caráter de património. A organização da sociedade no local permite de interpretar e produzir ideias que compreendem os valores do hoje.

Em um primeiro momento as ações voltam-se para a (re)significação dos equipamentos que estão abandonados, tanto em seu exterior quanto interior. No caso estudado, as alterações feitas no curtume se dividem em AÇÃO A e AÇÃO B. Na primeira, em seu exterior, intervimos em:

- » **Renovação dos passeios**, para uma melhor vivência social nas ruas e trazer mais valor ao Bairro que hoje está esquecido;
- » **Paisagismo e jardins** para buscar um ambiente mais harmonioso entre as pessoas e a natureza, na **Vila Industrial**;
- » **Ciclovias** com o intuito de estimular as atividades ao ar livre em uma zona próxima das residências dos habitantes;
- » **Exposições artísticas no exterior** para incitar a criatividade das crianças, jovens, adultos e idosos em um contexto onde a arte não tem seu total valor;
- » **Horta direcionada para as crianças** para trazer às crianças novas formas de aprendizado que poderão ser utilizadas no dia-a-dia.
- » **Áreas artísticas**, espaços para a realização de pinturas, músicas teatros destinado a pessoas de todas as idades;
- » **Espaços de aprendizagem** com a função de levar algumas atividades sociais, como workshops e apresentações para todas as faixas etárias;
- » **Inserção de pontos de iluminação** como critério de melhoramento urbano;
- » **Cobertura** como forma de criar um novo espaço exterior, agora coberto, para a realização das atividades mencionadas anteriormente;
- » **Espaços para feira/mercado exterior** para estimular o comércio local e fazer desenvolver a economia do bairro operário.

Já a segunda, voltada para o interior do equipamento, pensamos:

- » **Espaço interno para feira e mercado** destinado para comércio local em um espaço interior;
- » **Renovação das lajes** para a segurança de todos os usuários;
- » **Exposições para feira de livros, teatro e música** com a mesma

finalidade do espaço exterior, mas agora também na zona interna do equipamento;

- » **Exposição de arte**, esta agora destinada aos artistas que pretendam expor suas obras;
- » **Área de restauração** como opção de lazer e desenvolvimento do comércio local;
- » **Parque infantil interno**, área de lazer para as crianças. Espaço de desenvolvimento e aprendizagem;
- » **Espaços familiares** para convívio.

As intervenções no espaço público, mas precisamente as travessias e ruas também tiveram atenção, com a AÇÃO C e AÇÃO D, que visam o uso popular a fim de valorizar as ruas de outrora. Desse modo a terceira intervenção cria:

- » **Espaços de convivência exterior** para convívio social nas ruas;
- » **Cobertura interativa** para reviver as ruas esquecidas no bairro operário;
- » **Permanência dos paralelos em granito**, elemento que faz lembrar a memória do lugar;
- » **Inserção de pontos de iluminação nas casas e ruas** como pontos de melhoramento urbano.
- » Já a última intervenção, centrada nas ruas do bairro, sugere:
 - » **Estacionamento com grelhas de enrelvamento** para melhorar desenvolvimento urbano;
 - » **Espaços de restauração junto ao comércio local**, com o intuito de estimular o comércio local e trazer novas áreas de lazer;
 - » **Sistema de drenagem das águas da chuva junto aos jardins** para também estimular o desenvolvimento urbano.

Todas estas intervenções tem como base os princípios estudados no capítulo voltado à Lina Bo Bardi, junto aos preceitos vistos em cada uma das casas operárias visitadas, em que o modo de viver influenciava diretamente na constituição da casa. Dessa forma, os ensaios visam promover uma relação social entre os habitantes do bairro sem perder o caráter patrimonial arquitetónico do bairro, onde os equipamentos, as ruas e travessias dialogam com o passado e o presente.

Assim, analisar o modo de viver das pessoas nas casas e nas ruas do bairro operário faz parte desta investigação e auxilia no reconhecimento da identidade espacial coletiva da **Vila Industrial**.

Dar uma nova vida aos equipamentos esquecidos, trazer um meio de se conviver nas ruas, a fim de estimular o comércio local, atividades culturais, desporto e lazer, são maneiras de dar valor aos usos do presente em construções do passado, tal fez por Lina Bo Bardi, em que **o importante é entender como se dá o processo de formação do espaço longínquo, e como ele está ligado às transformações do presente.**

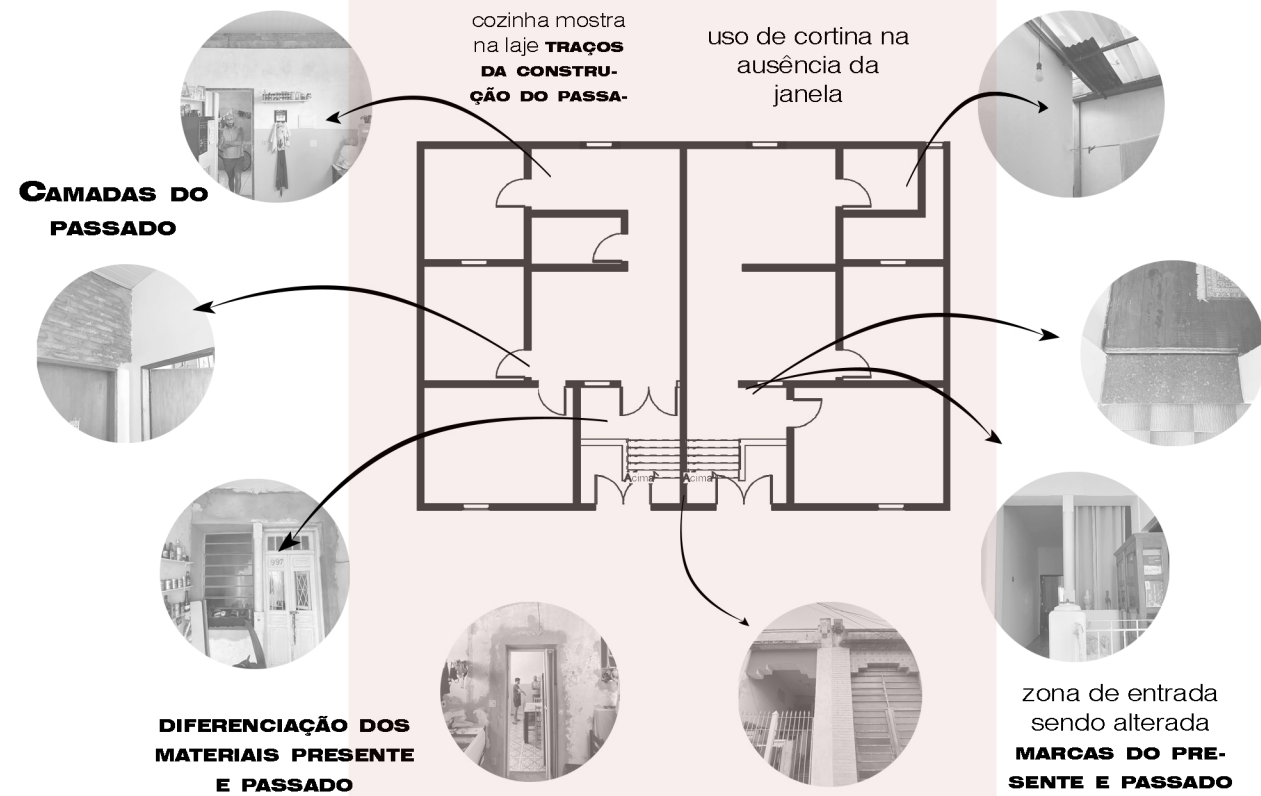
Esta dissertação, reunida entre tempos e vontades, propõe reinterpretar a memória do lugar **conhecendo, andando e visitando a Vila Industrial** de hoje em uma memória de outrora.

Reinterpretar e adaptar o hoje no lugar do ontem.

SÍNTESE CASAS

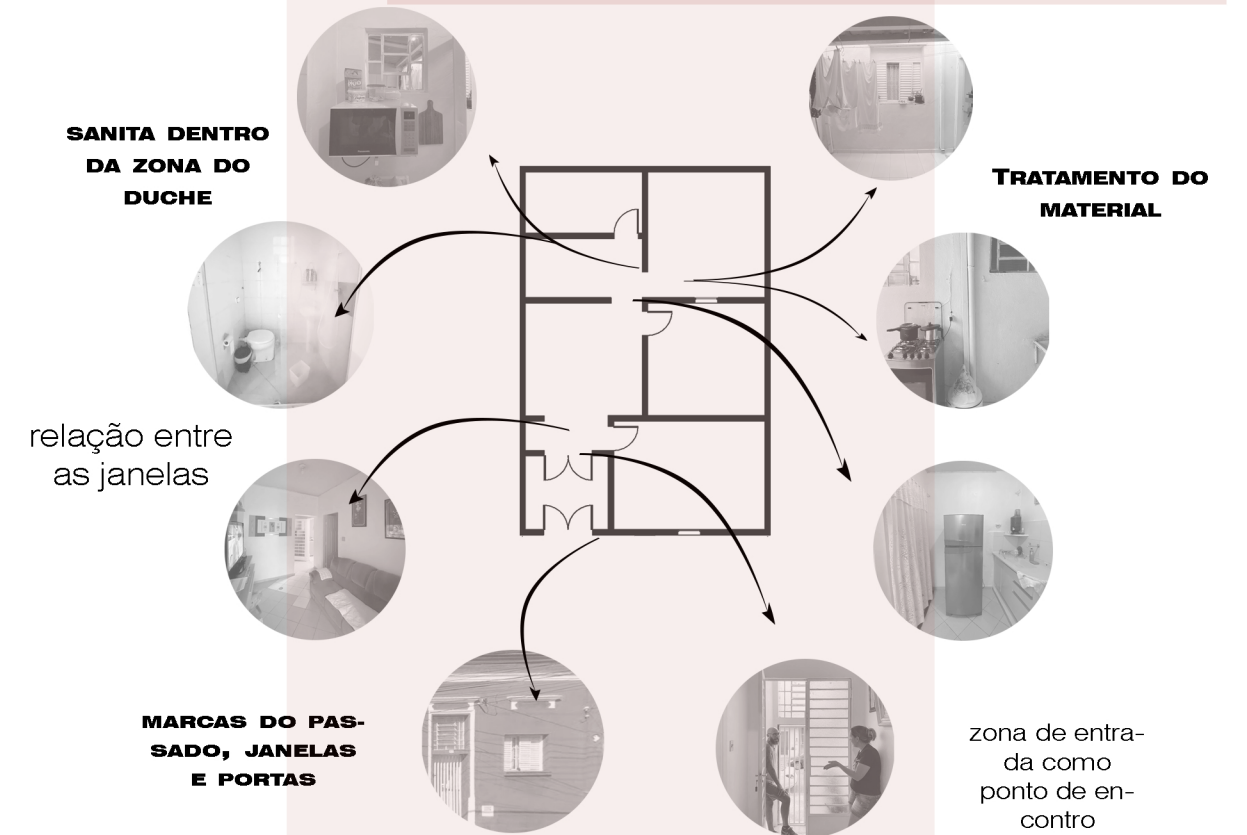
1

DIFERINDO



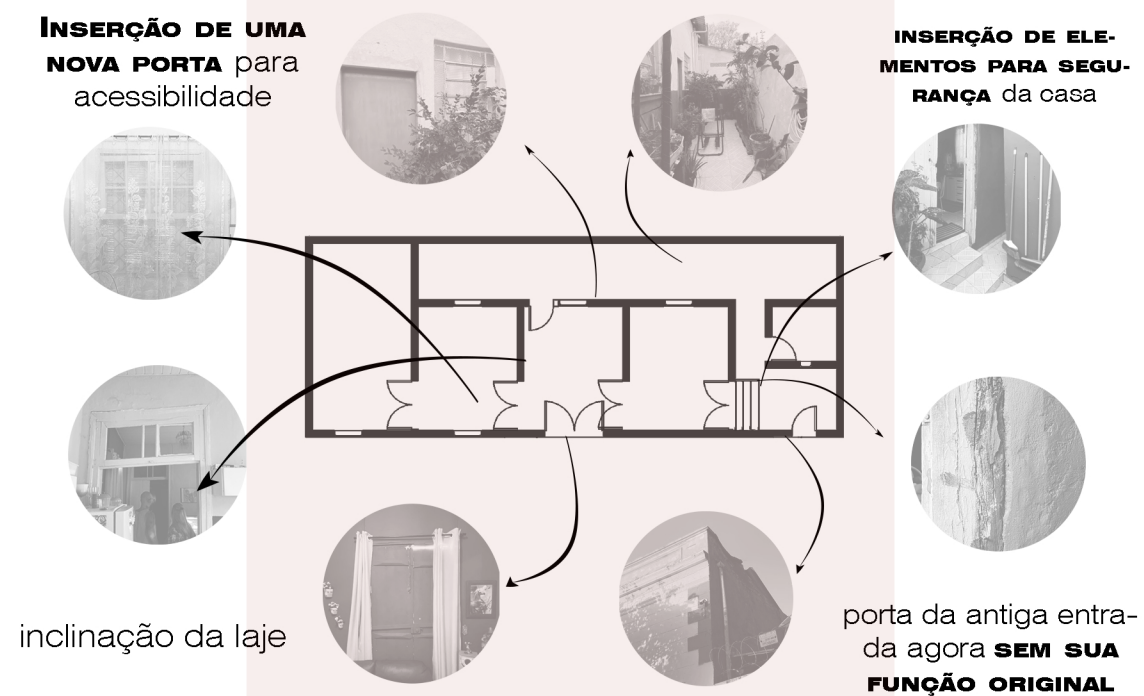
2

ACOMODANDO



REORGANIZANDO

3



4

COLORINDO

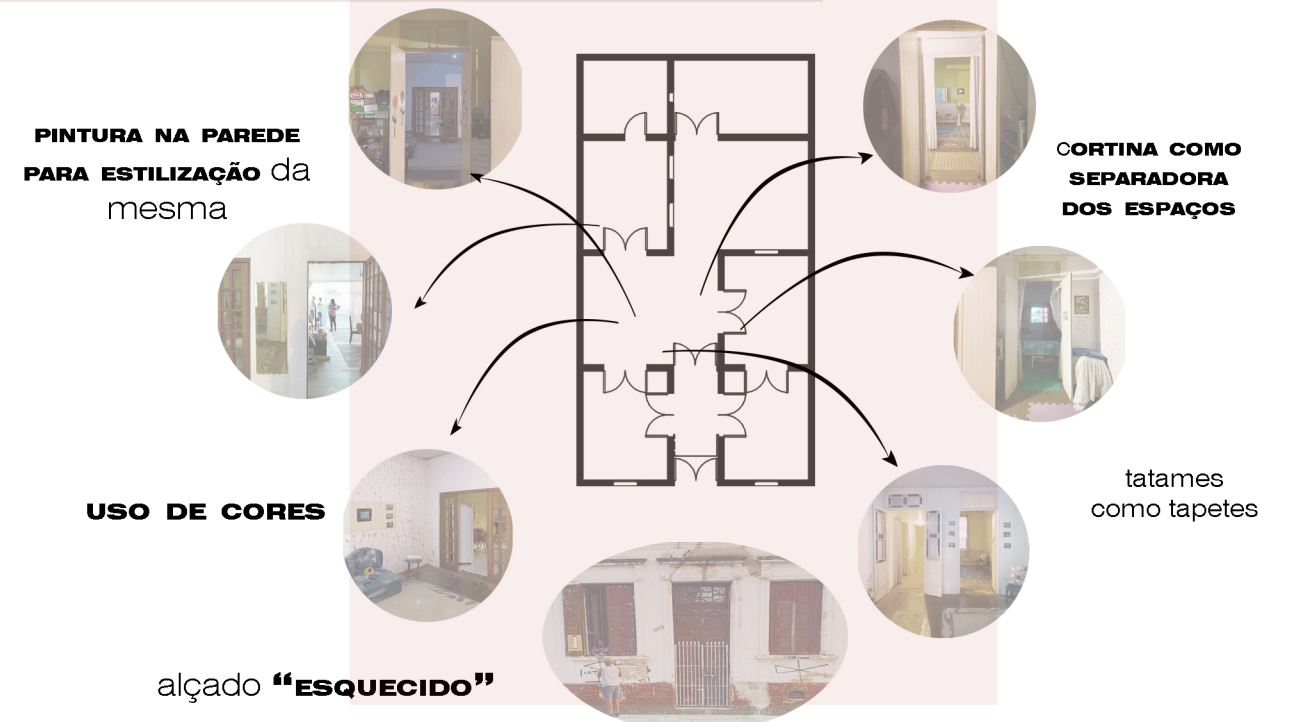
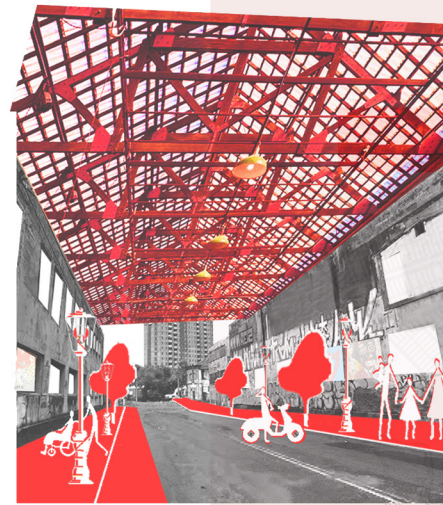


Fig. 114 - Fotomontagem síntese das casas visitadas

ENSAIANDO SOLUÇÕES



E. EXTERIOR A

- » CICLOVIAS **1.**
- » ESPAÇO ARTÍSTICO **2.**
- » JARDINAGEM E PAISAGISMO **3.**
- » HORTA DESTINADA ÀS CRIANÇAS **4.**
- » RENOVAÇÃO DOS PASSEIOS **5.**
- » COBERTURA EXTERNA **6.**

E. INTERIOR B

- » ESPAÇO INTERNO PARA FEIRAS/ MERCADO **7.**
- » RENOVAÇÃO DAS LAJES **8.**
- » EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS, MUSICAIS, E LIVROS **9.**
- » ÁREA DE RESTAURAÇÃO **10.**
- » PARQUE INFANTIL INTERNO **11.**



C TRAVESSIAS

- 13.** » ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA EXTERIOR/ DEGRAU COMO BANCO/ RUA COMO PRAÇA
- 14.** » COBERTURA INTERATIVA
- 15.** » PERMANÊNICA DOS PARALELOS EM GRANITO
- 16.** » HORTA/JARDIM COLETIVO
- 17.** » INSRÇÃO DE NOVOS POSTES DE LUZ

D RUAS

- 18.** » RENOVAÇÃO DOS PASSEIOS
- 19.** » ESPAÇOS PARA RESTAURAÇÃO COLETIVA
- 20.** » SISTEMA DE DRENAGEM DAS ÁGUAS JUNTO AOS CANTEEIROS
- 21.** » ESTACIONAMENTOS COM GRELHA DE ENRELVAMENTO



Fig. 115 - Fotomontagem síntese das ações



BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. *Sobre o tempo e a eternidade*. Campinas: Papyrus, 1995.
- AUDEN, W. H. «*Prologue: The Birth of Architecture. » About the house*. Nova Iorque: Random House, 1965.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Campinas: Papyrus, 1994
- AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAENINGER, R., *Espaço e tempo em Campinas; migrantes e a expansão do pólo industrial paulista. – Campinas, SP*. Área de publicações, Centro de Memória Unicamp, 1996.
- BARDI, Lina Bo. *Duas construções de Oscar Niemeyer*. Habitat, n. 2, p. 6-9, jan./mar. 1951.
- BARDI, Lina Bo. *Casa na Bahia*. Habitat, n. 8, p. 16-17, jul./set. 1952.
- BARDI, Lina Bo. *Coluna Ôlho sobre a Bahia-7*. Diário de Notícias, 19 out. 1958. Não paginado.
- BARDI, Lina Bo. *O novo Triângulo 1957-1967*. Mirante das artes, n. 5, p. 20-23, set./out. 1967.
- BARDI, Lina Bo. *Armadilhas e pedras no caminho do novo Governo*. Problemas brasileiros, n. 240/243, p. 20-32, dez./jan. 1985.
- BARDI, Lina Bo. *Tempos de Grossura: o design no impasse*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi.
- BARDI, Lina Bo. *Contribuição propedêutica ao ensino da Teoria da Arquitetura*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 2002.
- BARDI, Lina Bo. *Cultura e não cultura*. In “Crônicas de arte, de história, de costume, de cultura da vida. Arquitetura. Pintura. Escultura. Música. Artes visuais”. Página dominical do Diário de Notícias (Salvador, BA), n.1, 7 de setembro, 1958.
- BARDI, Lina Bo. *Entrevista - Lina Bo Bardi*. Caramelo, São Paulo, n.03, [S.P], outubro 1991. Entrevista concedida a Carolina Lefèvre.
- BARDI, Lina Bo. *Lina Bo Bardi sulla linguistica architettonica*. L'Architettura, Roma,

n.04, 259-261, 1974.

BARDI, Lina Bo. *Nordeste*. Catálogo da exposição inaugural do Museu de Arte Popular do Unhão, Bahia, 1963.

BARDI, Lina Bo. *Primeira conferencia na EBA*. [S.N.], Salvador, [S.P.], 17 de abril 1958. BARDI, Lina Bo. *Uma aula de arquitetura*. Projeto, São Paulo, n.149, 60-62, janeiro-fevereiro 1992.

BARDI, Lina Bo e Sesc Pompéia. *Cidadela da Liberdade*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016

BENJAMIM, W. *Magia e técnica. Arte e política. Ensaio sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BIERRENBACH, Ana Carolina. *Os Restauros de Lina Bo Bardi: Inspirações para a Preservação da Arquitetura do Movimento Moderno*. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona – UPC.

BOTTURA, Roberto. *Redescobrimo o Brasil: Lina Bo Bardi e a ponte conceitual entre patrimônio cultural popular, desenho industrial e identidade nacional*.

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva São Paulo, 2014

BRANDI, Cesari. *Teoria de la restauración*. Madrid: Alianza Editorial. 1988.

JÚNIOR, Theodoro de Souza Campos. *História da Fundação de Campinas*.

Monografia Histórica do Município de Campinas, Rio de Janeiro, IBGE, 1952.

CABRAL, Maria Cristina N. *O Racionalismo arquitetônico de Lina Bo Bardi*. 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

CAMPELLO, Maria de Fátima. (1997). *Lina Bo Bardi: as moradas da alma*. São Carlos, FAU-EESC/USP, Dissertação de Mestrado, 1997.

CARLOS, Ana. *Um lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007

CARLOS, Ana Fani. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

Carta de veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios icomos, Veneza, Itália, 25 a 31 de maio de 1964.

CERTEU, Michel. *Artes de fazer: a invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLEMAN, Alice. *Utopia on trial: vision and reality in planned housing*. London: Biddles Ltd, 1990.

DECCA, E.S. de. *Memória e Cidadania. In: Departamento de Patrimônio Histórico. O direito à memória. Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

ENGELS, Friedrich. *A questão da habitação*. BeloHorizonte: Aldeia Global Livraria e Editora LTDA, 1979.

FERRAZ, Marcelo C. *A poesia vital de Lina Bo Bardi*. Folha de São Paulo. 8 de dezembro de 1996. Suplemento Mais! Caderno 5.

FERRAZ, Marcelo C. (Org). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e Pietro M. Bardi, 1993.

FILHO, Nestor Goulard Reis. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FONSECA, Maria Cecília L. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Riode Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1997.

GUIMARAENS, Maria da Conceição. *Dois olhares sobre o patrimônio cultural: Lina e Lygia*. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da UFRJ, 1993. 106p.

HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. São Paulo: Relógio d'Água Editores, 1986.

LAUWE, Paul Chombart de. *Famille et Habitation*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientific, 1959.

LE CORBUSIER, *A Carta de Atenas*, São Paulo, SP: HUCITEC, 1993.108 115

LE CORBUSIER. *Planejamento Urbano*, São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2000.

MEURS, Paul. *A identidade brasileira e o moderno – a obra de Lina Bo Bardi*. De Architect, n. 62-77, maio 1994.

LÉPORI, Ana Paula de O. *Lina Bo Bardi – um olhar sobre as possibilidades populares do Brasil*. Barcelona: ETSAB-UPC, Dissertação de Mestrado, 1997

MORAES, J. A. *Reorganização espacial urbana: Proposta de refuncionalização de uma rugosidade na paisagem urbana da Vila Industrial, município de Campinas, SP, o caso do Curtume Cantúcio*. Campinas: Monografia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Faculdade de Geografia, 2009.

MORGADO, Jéssica. *Construir sobre o Palimpsesto: a importância da compreensão da arquitetura como um processo para o desenho de projeto, aplicado ao território de Alenquer*. Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. Repositório do Iscte. 2017.

MORRIS, William. *The SPAB Manifest*. Londres, 1877

Museu salva a Cultura da Bahia e o passado pela fé. Jornal da Bahia. Salvador: 1963, [S.P].

NORRO, Júlio Ariel Guigou. *A vila operária na República Velha: o caso Rheigantz -conceito e materialidade*. Dissertação de Mestrado, área de concentração em Arquitetura do curso de Mestrado em Arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, 1997.

OLIVEIRA, Olívia F; CARDOSO, Luis Fernandes. (Org.). *(Re)discutindo o Modernismo – Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Salvador: MAU, 1997.

ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*. Lisboa: Antígona, 2003.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele*. Santana: bookman, 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987

PEREC, Georges. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- PRÓ-MEMÓRIA para uma ação na Bahia. [S.l.]: [S.N], [19-]. [S.P].
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. trad.. Pedro Tamen. - Lisboa: Relógio d'Água, 2016. - 2 v
- RIBEIRO, Daisy. *Campinas no estado novo: política de habitação popular na formação da cidade industrial*. Tese de doutorado apresentada à Pós-Graduação Do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual De Campinas, para obtenção do título de Doutor em História Campinas, 2007
- Rodrigues, Ana Luisa. "Towards an architecture of emotions: The example of SEESC|Pompeia by Lina Bo Bardi" (pp-831-6) in International Multidisciplinary Scientific Conferences on Social Sciences & Arts, SGEM 2017, Conference Proceedings. Urban Planning, Architecture and Design, Book 5, volume II, Bulgaria: STEF92 Technology Ltd.
- ROBERT, Phillippe. *Adaptations: new uses for old buildings*. New York: Princeton Architectural Press, Inc. 1989. Salvador: MAU-UFBA, 49p. (PRETEXTOS, série B, Memórias 2).
- RUBINO, Silvana. *Gramsci no museu, ou a arte popular no Solar do Unhão*. Salvador, 1963-4.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. Apresentação, tradução e comentários críticos por Odete Dourado.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SENNETT, Richard. *Construir e Habitar*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SCHIMIDT, B. V.; FARRET, R. L. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- SCIFONI, Simone. *Lugares de memória operária na metrópole paulistana*. GEOUSP Espaço e Tempo, v. 17, n. 1, 2013.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 5ª Edição. 2ª Reimpressão. São Paulo, Edusp, 2009.

SANTOS, R. R. *A Vila Industrial e o patrimônio histórico arquitetônico de Campinas – SP: entre a conservação e a reestruturação urbana*. Campinas: Dissertação - Universidade de Campinas, Instituto de Geociências, 2013

TAGG, John. *El peso de la Representación*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 2005

VALLADARES, Lícia do Prado. *Repensando a habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

VIANNA, Mônica Peixoto. *Habitação e modos de vida em vilas operárias*. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2004.

WEBGRAFIA

<https://www.afs.org.br/> »Acesso em 05/12/2022

https://artigos.wiki/blog/de/Society_for_the_Protection_of_Ancient_Buildings

<https://arquiteturaviva.com/works/rehabilitacion-del-solar-do-unhao-0#lg=1&slide=2> »Acesso em 12/06/2022

<https://www.arquiteturacomvillanueva.com/os-cortumes-cantusio-e-firmino-costana-vila-industrial/> »Acesso em 14/07/2022

<https://www.arquiteturacomvillanueva.com/historia-do-bairro-vila-industrial-e-sua-relacao-com-o-centro-urbano-de-campinas-parte-i/> »Acesso em 14/07/2022

<https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/> »Acesso em 14/07/2022

https://atom.cmu.unicamp.br/index.php/campinas-sp?page=5&subjects=89027&languages=pt_BR&sort=date&listPage=2&listLimit=10&sortDir=desc »Acesso em 27/08/2022

<https://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-estudo/verBem.php?id=31> »Acesso em 14/07/2022

<https://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/verBem.php?id=31> »Acesso em 14/07/2022

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35657/vila-operaria-da-gamboa-rio-de-janeiro> »Acesso em 15/08/2022

<https://institutobixiga.com.br/cursos/movimento-operario-e-habitacao-o-caso-das-vilas-operarias-de-sao-paulo/> »Acesso em 15/08/2022

<http://www.nelsonkon.com.br/solar-do-unhao/> »Acesso em 20/07/2022

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/> »Acesso em 14/07/2022

<https://placesjournal.org/article/lina-bo-bardi-and-the>

<https://portal.campinas.sp.gov.br/14/07/2022> »Acesso em 14/07/2022

[-architecture-of-everyday-culture/?cn-reloaded=](#) »Acesso em: 05/06/2022

<https://www.revistas.usp.br/wp/> »Acesso em 20/11/2022

<https://www.revista.unilins.edu.br> »Acesso em 20/11/2022

<https://shcu2014.com.br/discurso%20profissional/387.html> »Acesso em 27/10/2022

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.157/4835> »Acesso em 10/10/2022

Figura 1 – Vila Operária em Gamboa, Rio de Janeiro, 1933. Arquitetos Gregori Warchavchik e Lúcio Costa

Foto divulgação [domínio comum]. Acesso em 05/06/2022

Figura 2 – Vila Operária em Gamboa, Rio de Janeiro, atualmente. Arquitetos Gregori Warchavchik e Lúcio Costa

Foto divulgação [domínio comum]. Acesso em 05/06/2022

Figura 3 – O Manifesto SPAB, 1877.

<https://www.spab.org.uk/about-us/spab-manifesto>. Acesso em 20/07/2022

Figura 4 – Vista aérea geral da Fábrica da Pompéia antes da Reforma

Foto Peter Sheier [OLIVEIRA, Liana Paula Perez de. A capacidade de dizer não: Lina Bo Bardi e a Fábrica da Po]. Acesso em 12/07/2022

Figura 5 – Capa do Festival Punk gravado no Sesc-Pompéia ao vivo em 1982

Foto divulgação. Acesso em 12/07/2022

Figura 6 – Fábrica de tambores da Pompéia

Foto Peter Sheier [Arquivo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi]. Acesso 12/07/2022

Figura 7 – Fábrica de tambores da Pompéia

Foto Peter Sheier [OLIVEIRA, Liana Paula Perez de. A capacidade de dizer não: Lina Bo Bardi e a Fábrica da Po]. Acesso em 12/07/2022

Figura 8 – Planta baixa do Sesc-Poméia indicando a divisão dos espaços do projeto pelas atividades. Acesso em 25/07/2022

Figura 9 – Axonometria do Sesc-Pompéia indicando a volumetria dos edifícios
Acesso em 25/07/2022

Figura 10 – Sesc Fábrica Pompéia, Iareira, São Paulo. Arquiteta Lina Bo Bardi
Foto Nelson Kon. Acesso em 12/07/2022

Figura 11 – Sesc Fábrica Pompéia, São Paulo. Arquiteta Lina Bo Bardi
©WikiArquitectura. Acesso em 10/08/2022

Figura 12 – Buscar as formas de domínio público onde a coexistência naturalmente se realiza. SESC Pompéia
divulgação Vitruvius “Projeto Urbano do Córrego do Antonico”, 2019.
Acesso em: 10/08/2022

Figura 13 – Mulher em sua pausa para lanche
Foto Luiza Borges, 2022

Figura 14 – Canteiro suspenso

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 15 – Sesc-Pompéia em dia chuvoso. Riacho como escoamento de água.

Foto Retirada de ArchDaily

https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797bc0e8e44ef00400007b-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto?next_project=no

Acesso em: 10/08/2022

Figura 16 – PROJETO #22: SESC Pompéia e a Arquitetura

Foto retirada de blog

<http://mariana-projetista.blogspot.com/2018/02/arquitetura-14-sesc-pompeia-e.html>

Acesso em: 20/08/2022

Figura 17 – Segurança do Sesc-Pompéia, São Paulo.

Foto Pedro Kok. Acesso em: 20/08/2022

Figura 18 – Janela Sesc-Pompéia, São Paulo

Foto Julio Roberto Katinsky. Cortesia de Arquigrafia. Acesso em: 20/08/2022

Figura 19 – Área Desportiva

Foto Flickr beatriz marques. Acesso em: 20/08/2022

Figura 20 – Biblioteca Sesc-Pompéia

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 21 – Solar do Unhão, Salvador. Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto Nelson Kon. Acesso em 16/09/2022

Figura 22 – Solar do Unhão, Salvador. Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto Nelson Kon. Acesso em 16/09/2022

Figura 23 – Solar do Unhão, Salvador. Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto Nelson Kon. Acesso em 16/09/2022

Figura 24 – Solar do Unhão, Salvador. Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto Nelson Kon. Acesso em 16/09/2022

Figura 25 – Solar do Unhão, Salvador. Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto Nelson Kon. Acesso em 16/09/2022

Figura 26 – Solar do Unhão, Salvador. Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto Nelson Kon. Acesso em 16/09/2022

Figura 27 – Sesc-Pompéia em dia chuvoso. Riacho como escoamento de água.

Foto Retirada de ArchDaily

https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797bc0e8e44ef00400007b-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto?next_project=no

Acesso em: 10/08/2022

Figura 28 – Mulher em sua pausa para lanche

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 29 – Segurança do Sesc-Pompéia, São Paulo.

Foto Pedro Kok. Acesso em: 20/08/2022

Figura 30 – Sesc Pompéia. Biblioteca

Por Luiza Borges, 2022.

Figura 31 – Sesc Pompéia. Área externa de restauração

Por Luiza Borges, 2022

Figura 32– Fotomontagem de Mapa de reconhecimento

Figura 33 – Cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo

Autor Di Cavalcanti. Acesso em 05/08/2022

Figura 34 – Mapa de reconhecimento das ruas da Vila Industrial

Figura 35 – Mapa de reconhecimento: estrutura viária, loteamento e edificações da Vila Industrial

Figura 36 – Fotomontagem dos equipamentos encontrados na Vila Industrial

Figura 37 –Tipologia alçado 1

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 38 – Tipologia alçado 2

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 39 – Tipologia alçado 3

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 40 – Tipologia alçado 4

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 41 – Fotomontagem da Travessia Manoel Dias.

Figura 42 –Janela em Vila Industrial

Por Luiza Borges, 2022.

Figura 43 – Diferenciação dos alçados

por Luiza Borges, 2022

Figura 44 – Diferenciação dos alçados

por Luiza Borges, 2022

Figura 45 – Diferenciação das portas

Por Luiza Borges, 2022

Figura 46 – Conjunto de habitação operária

Por Luiza Borges, 2022

Figura 47 – Travessia Manoel Dias

Retirada do Google Maps em 14/07/2022

Figura 48 – Alçado em Vila Industrial

Por Luiza Borges

Figura 49 – Alçado esquecido em Vila Industrial

Por Luiza Borges

Figura 50 – Desenho de Fluvia Gonçalves em Vila Industrial, 1986

<https://atom.cmu.unicamp.br/>. Acesso em 11/12/2022

Figura 51 – Desenho de Fluvia Gonçalves em Vila Industrial, 1986

<https://atom.cmu.unicamp.br/>. Acesso em 11/12/2022

Figura 52 – Desenho de Fluvia Gonçalves em Vila Industrial, 1986

<https://atom.cmu.unicamp.br/>. Acesso em 11/12/2022

Figura 53 – Desenho de Fluvia Gonçalves em Vila Industrial, 1986

<https://atom.cmu.unicamp.br/>. Acesso em 11/12/2022

Figura 54 – Desenho de Fluvia Gonçalves em Vila Industrial, 1986

<https://atom.cmu.unicamp.br/>. Acesso em 11/12/2022

Figura 55 – Desenho de Fluvia Gonçalves em Vila Industrial, 1986

<https://atom.cmu.unicamp.br/>. Acesso em 11/12/2022

Figura 56 – Fotomontagem das portas, Vila Industrial

Figura 57 – Fotomontagem das janelas, Vila Industrial.

Figura 58 – Vila Industrial, 1934

Foto retirada de http://igrejadesaojose.com.br/dt_gallery/fotos-historicas/

Acesso em 20/11/2022

Figura 59 – Travessia Manoel Dias

Por Luiza Borges, 2022

Figura 60 - Travessia Manoel Dias

Por Luiza Borges, 2022

Figura 61 - Alçado do Conjunto Habitacional Operário

Por Luiza Borges

Figura 62 - Alçado alterado em Vila Industrial

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 63 - Entrada da Travessia Manoel Dias

Foto Nadja P., 2013

Figura 64 –Alçado de antiga casa aoperária

Foto Nadja P., 2013v

Figura 65 – Diferenciação de Alçados

Por Renato [sem sobrenome], 2017

Figura 66 – Alçados, Vila Industrial

Por Luiza Borges

Figura 67 – Alçados em casa geminadas

Por Luiza Borges

Figura 68 – Janela esquecida

Foto Nadja P., 2013

Figura 69 – Janela, Vila Industrial

Foto Nadja P., 2013

Figura 70 – Janela e roupas no estandal

Foto Nadja P., 2013

Figura 71 – Alçado Alterado

Por Luiza Borges

Figura 72 – Fotomontagem casa 1 e 2

Por Luiza Borges

Figura 73 – Fotomontagem casa 3

Por Luiza Borges

Figura 74 – Fotomontagem casa 4

Por Luiza Borges

Figura 75 – Fotomontagem casa 5

Por Luiza Borges

Figura 76 – Casas Geminadas

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 77 – Porta casa 3.

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 78 – Janela estilizada

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 79 – Janela escondida

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 80 – Fogão em zona externa, casa 2.

Foto Luiza Borges, 2022+

Figura 81 – Enquadramento em casa 5

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 82– Porta estilizada em casa 5

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 83– Parede estilizada, casa 5

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 84– Corredor casa 4

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 85– Diferenciação dos materiais, casa 4

Por Luiza Borges

Figura 86– Materiais e tecido, casa 5.

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 87– Alçado casa 1 alterado

Foto Luiza Borges, 2022.

Figura 88– Marcas do passado em casa 1

Foto por Luiza Borges, 2022

Figura 89 – Sala casa 5

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 90– Janela e porta alterada, casa 2

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 91– Sala como ponto de encontro, casa 3.

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 92– Alçados das casas geminadas, 1 e 2

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 93 – Porta adicionada posteriormente, casa 3

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 94 – Materiais em casa 2.

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 95 – Janela estilizada em casa 5

Foto Luiza Borges

Figura 96 – Sala em casa 5.

Foto por Luiza Borges, 2022

Figura 97 – Enquadramento em casa 5.

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 98– Janela estilizada em casa 5

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 99– Sala em casa 5

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 100– Sistema de Segurança em casa 4.

Foto Luiza Borges, 2022

Figura 101– Fotomontagem localização das ações

Por Luiza Borges

Figura 102– Fotomontagem localização ação A

Por Luiza Borges

Figura 103– Fotomontagem ação A

Por Luiza Borges

Figura 104– Fotomontagem ação A

Por Luiza Borges

Figura 105 – Fotomontagem localização ação B

Por Luiza Borges

Figura 106 – Fotomontagem ação B

Por Luiza Borges

Figura 107 – Fotomontagem ação B

Por Luiza Borges

Figura 108 – Fotomontagem localização ação C

Por Luiza Borges

Figura 109– Fotomontagem ação C

Por Luiza Borges

Figura 110– Fotomontagem ação C

Por Luiza Borges

Figura 111– Fotomontagem localização ação D

Por Luiza Borges

Figura 112– Fotomontagem ação D

Por Luiza Borges

Figura 113– Fotomontagem ação D

Por Luiza Borges

Figura 114– Fotomontagem síntese das visitas às casas

Por Luiza Borges

Figura 115– Fotomontagem síntese das intervenções propostas

Por Luiza Borges

